



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Educação e Humanidades
Instituto de Educação Física e Desportos

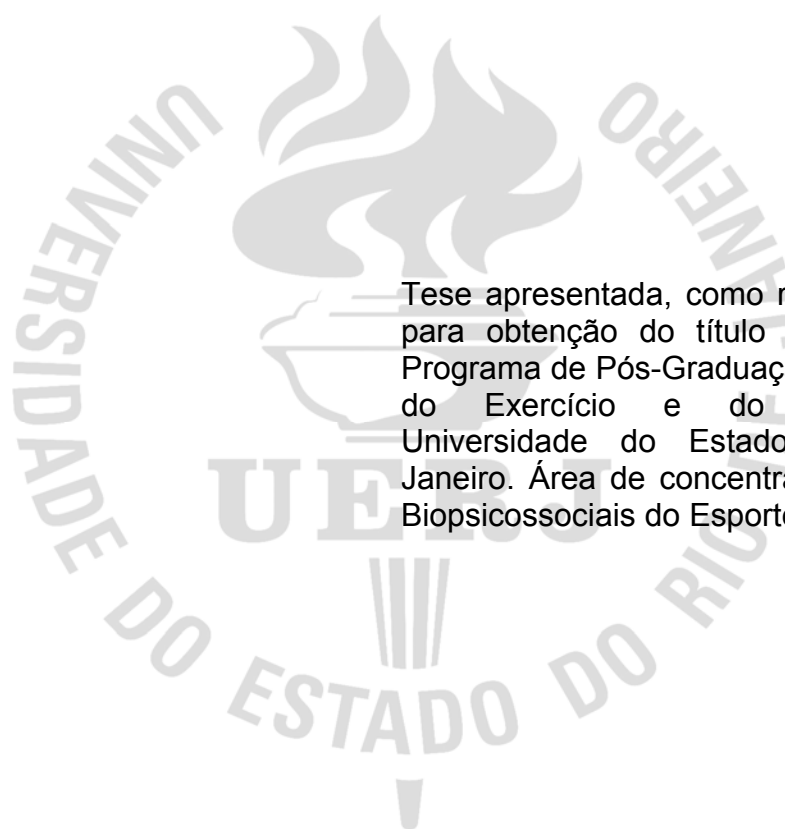
Paulo Rodrigo Pedroso da Silva

**As diversas dimensões do doping: esporte escolar, mídia e
Agenda Olímpica 2020**

Rio de Janeiro
2016

Paulo Rodrigo Pedroso da Silva

**As diversas dimensões do doping: esporte escolar, mídia e Agenda
Olímpica 2020**



Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Exercício e do Esporte da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Aspectos Biopsicossociais do Esporte.

Orientador: Prof. Dr. Lamartine Pereira DaCosta

Rio de Janeiro

2016

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/B

S586	<p>Silva, Paulo Rodrigo Pedroso da. As diversas dimensões do doping: esporte escolar, mídia e Agenda Olímpica 2020 / Paulo Rodrigo Pedroso da Silva. – 2016. 64 f.: il.</p> <p>Orientador: Lamartine Pereira da Costa Tese (doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Educação Física e Desportos.</p> <p>1. Dopagem nos esportes - Teses. 2. Esportes escolares – Teses. 3. Sites da Web - Teses. 4. Jogos Olímpicos (30. : 2012 : Londres, Inglaterra) – Teses. 5. Esportes para adolescentes – Teses. 6. Olimpíadas – Teses. I. Costa, Lamartine Pereira da, 1935-. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Educação Física e Desportos. IV. Título.</p> <p>CDU 796:615.32</p>
------	--

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Paulo Rodrigo Pedroso da Silva

**As diversas dimensões do doping: esporte escolar, mídia e Agenda
Olímpica 2020**

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Exercício e do Esporte da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Aspectos Biopsicossociais do Esporte.

Aprovada em 12 de dezembro de 2016.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Lamartine Pereira Da Costa (Orientador)
Instituto de Educação Física e Desportos - UERJ

Prof^a. Dra. Ana Maria de Freitas Miragaya
Universidade Estácio da Sá

Prof. Dr. Carlos Henrique de Vasconcellos Ribeiro
Fundação de Apoio à Escola Técnica-RJ

Prof^a. Dra. Monique Ribeiro de Assis
Instituto de Educação Física e Desportos - UERJ

Prof. Dr. Rodolfo de Alkmim Moreira Nunes
Instituto de Educação Física e Desportos - UERJ

Rio de Janeiro

2016

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a meu filho Antonio Pacheco da Silva e esposa Juliana Ribeiro Pacheco, aos meus pais Antonio Paulo Alves da Silva e Mari Isar Pedroso da Silva, aos meus Irmãos Antonio Paulo Alves da Silva Júnior e Marilú Pereira Garcez, aos meus avós Paternos (*In Memoriam*) Junstino Antonio da Silva e Carmem Alves da Silva e Maternos (*In Memoriam*) Adil Pedroso e Alcina Pacheco Pedroso, aos meus amigos Maria Tereza Ribeiro Pacheco, Alberto Reppold Filho, Eduardo Henrique De Rose, Edgar de Oliveira, Lamartine Pereira Da Costa, Maria Helena Jacob, Alexandre Severo do Pinho, Ricardo Danielski, Rafael Trindade, Vandr  Casgrande, Aderson Loureiro, Luciano Leal Loureiro, Ana Eleonora Sebr o Assis, Adriana Lemes, Libia Maria Serpa Aquino, aos meus alunos do Projeto Escola Inovar da ULBRA Guaíba, que com amor, apoio, compreensão, persistência e otimismo permitiram que esta Tese fosse concretizada.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus o Pai nosso Todo Poderoso que me deu a oportunidade de adquirir a vida, a Fé, o Amor e a Persistência no meu caminho.

Aos meus pais e irmãos pelo apoio e auxílio em toda trajetória da minha carreira acadêmica.

A minha esposa e filho, por este novo sentimento de amor que cresce a cada dia conosco.

Aos meus amigos que compreenderam a minha ausência nos momentos distantes.

Aos meus colaboradores Carlos Henrique Ribeiro de Vasconcellos, Geraldo Maranhão Neto, Maria Helena Jacob, Vandr  Casagrande, que trabalharam juntos na produ o de conhecimentos.

À Universidade do Estado do Rio de Janeiro, especialmente ao Programa de Pós Gradua o Ciências do Exercício e do Esporte, Professora Doutora Nadia Lima, Secretárias Luciana e Maria pela acolhida e auxílio nos momentos decisivos.

Agradeço a todos aqueles que estão no meu percurso e na minha lembrança, que têm grande importância para mim, mas que não foram evidenciados aqui.

Mens fervida en corpore lacertoso.

Pierre de Coubertin

RESUMO

SILVA, Paulo Rodrigo Pedroso da. *As diversas dimensões do doping: esporte escolar, mídia e Agenda Olímpica 2020*. 2016. 64f. Tese (Doutorado em Aspectos Biopsicossociais do Exercício Físico) – Instituto de Educação Física e Desportos, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

Este documento se refere à pesquisa realizada por meio da aplicação de ferramentas metodológicas distintas. A primeira realizada através de estudo epidemiológico investiga a prevalência da utilização de doping na elite de atletas escolares de 14 a 17 anos, participantes dos Jogos Escolares da Juventude de 2006. A segunda recorre à análise qualitativa de conteúdo, das publicações dos sites detentores dos meios de transmissão dos Jogos Olímpicos no Brasil, durante o período de realização dos eventos de Londres em 2012. A terceira pela análise filosófica deseja compreender o significado do doping. E, por fim análise documental da Agenda 2020, onde se apresenta o atleta olímpico ideal. Esta proposta metodológica tem por objetivos: I) investigar a utilização de substâncias na fase que antecede a realização dos Controles de Dopagem até os 17 anos de idade; II) analisar as mensagens da mídia emitidas aos consumidores de conteúdos esportivos virtuais; III) exercitar a compreensão do problema filosófico do doping no esporte, através do pensamento de Occam e III.I) indicar pela análise das proposições 15, 16 e 17 da Agenda 2020, possibilidades para redução do doping através de intervenções positivas no campo do atleta limpo. Desta forma, pretende-se contribuir para a ampliação das pesquisas de doping com ênfase na mudança de filosofia do esporte focalizada no Atleta Limpo.

Palavras-chave: Doping. Mídia. Agenda Olímpica 2020.

ABSTRACT

SILVA, Paulo Rodrigo Pedroso da. *Many dimensions of doping: students, media and Olympic Agenda 2020*. 2016. 64f. Tese (Doutorado em Aspectos Biopsicossociais do Exercício Físico) – Instituto de Educação Física e Desportos, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

This document refers to research conducted through the application of different methodological tools. The first one carried out through an epidemiological study investigates the prevalence of doping in the elite of school athletes from 14 to 17 years of age, participating in the 2006 Youth School Games. The second one uses qualitative analysis of content, the publications of the sites holding the media in Brazil during the transmission of the Olympic Games in London 2012. The third by the philosophical analysis wants to understand the meaning of doping. And, finally, analysis the Olympic Agenda 2020, where the ideal Olympic athlete is presented. The purpose of this methodological proposal is to: i) investigate the use of substances prior to Doping Controls up to 17 years old; II) analyze the messages of the media issued to consumers of virtual sports content; III) to exercise the understanding of the philosophical problem of doping in sport, through the thinking of Occam and III.I) indicate by the analysis of the prepositions 15, 16 and 17 in Olympic Agenda 2020, possibilities for reduction of doping through positive interventions in the field of the clean athlete. In this way, it is intended to contribute to the expansion of doping research with emphasis on changing the philosophy of sports focused on the Clean Athlete.

Keywords: Doping. Media. Olympic Agenda 2020.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	9
1	ARTIGO 1 - LEVANTAMENTO DE DOPING EM JOGOS ESCOLARES DA JUVENTUDE NO BRASIL	23
2	ARTIGO 2 - A COBERTURA ESPORTIVA DOS JOGOS OLÍMPICOS DE LONDRES 2012: A TEMATIZAÇÃO DO DOPING NO PORTAL DE NOTÍCIAS G1.....	37
3	APRESENTAÇÃO EM CONGRESSO: O PENSAMENTO HEURÍSTICO DE OCCAM APLICADO AO PROBLEMA FILOSÓFICO DO DOPING NO ESPORTE	56
4	CAPÍTULO DE LIVRO: O ATLETA “LIMPO” E A AGENDA OLÍMPICA 2020 .	58
	CONSIDERAÇÕES GERAIS E TESE.....	64

INTRODUÇÃO

MEMORIAL DE APRESENTAÇÃO DA TESE

Objetivo deste documento é contextualizar a produções da tese do candidato ao Doutorado Paulo Rodrigo Pedroso da Silva, partindo de sua experiência anterior como “Oficial de Controle de Doping” em competições nacionais e internacionais e posteriormente como pesquisador do tema da dopagem no esporte em sua carreira acadêmica.

Desta forma, foi sendo constituído o seu campo de estudos na busca por respostas às demandas apresentadas durante suas atividades profissionais. Para isto, no seu modo investigação, utilizavam-se ferramentas metodológicas da epidemiologia, da sociologia, da história e da filosofia, adequadas a cada momento de pesquisa em que estava planejando ou executando.

Assim sendo, as produções em formato de artigo, resumo e capítulo de livro estão dispostas no corpo da tese logo após as presentes considerações. Veja-se portanto em seguida o desdobramento deste memorial de forma analítica e temporal.

Existe um consenso na literatura que o uso de doping é um problema histórico presente desde os Jogos Olímpicos da antiguidade iniciados *Circa* de 800 a. C. Naquela época, eventualmente, os atletas ingeriam testículos, cogumelos alucinógenos e bebidas estimulantes para aumentar o desempenho físico nas competições (AQUINO NETO, 2001; YESALIS; BAHRKE, 2002; BARON; MARTIN; MAGD, 2007).

Nos Jogos Olímpicos da Era moderna, entre 1896-1936, as substâncias mais utilizadas eram estimulantes compostos por substâncias como: álcool, estricnina, cafeína, cocaína e nitroglicerina. Posteriormente, entre 1936-1988 houve surgimento da testosterona e seus derivados os esteroides anabolizantes (AQUINO NETO, 2001; YESALIS, BAHRKE, 2002; BARON; MARTIN; MAGD, 2007).

A partir da Criação da Comissão Médica do Comitê Olímpico Internacional em 1967 deram início os controles de doping em competições (DE ROSE & NÓBREGA, 1999). Nos Jogos Olímpicos de Munique em 1972 oficializou-se o controle de doping, iniciando pelas anfetaminas e estimulantes (BARON; MARTIN; MAGD, 2007).

Em 1976, nos Jogos de Montreal já era nítida a utilização de esteroides anabolizantes, revelada pela hipertrofia exagerada dos corpos dos atletas, mas somente em 1984 efetivamente começaram os exames de detecção desses hormônios. Na década de 1980, surgiram o Hormônio do Crescimento Humano (HGH) e anos de 1990, a Eritropoietina (EPO), substâncias que permaneceram por muitos anos indetectáveis (AQUINO NETO, 2001).

O Comitê Olímpico Internacional - COI motivado por toda a problemática do doping, em 1999 promoveu a criação da Agência Mundial Antidoping (AMA) uma organização independente proposta para gerir toda a ação antidoping, dentro do esporte olímpico e paraolímpico, com o propósito de garantir a todos o “fair play” e o esporte livre de doping dentro e fora das competições (AMA, 2016).

Na primeira década do Século XXI, vieram à tona as novas gerações de drogas como a androstenediona, a dehidroepiandrotestosterona (DHEA) e a tetraidrogestrinona (THG), um anabolizante fabricado pela Indústria farmacêutica Balco, para ser indetectável. Inclusive, é importante mencionar no período o início dos debates éticos sobre o Doping Genético versus terapia Gênica (AMA, 2016) .

Em decorrência desses fatos, aumentaram os investimentos da luta contra o doping, com o antidoping ganhando uma maior visibilidade. Nesta direção, também cresceram os controles de doping, no período de Jogos Olímpicos. Assim foram coletados 3600 testes em Atenas (2004), 4500 em Beijing (2008); em Londres (2012) 5000 durante os Jogos e 4000 cerca de um mês antes (KAYSER, BOERS, 2012).

No Rio em 2016, segundo relatório de observadores independentes da AMA, entre exames em competição e fora de competição houve um total: 4480 amostras de urina, 450 amostra de sangue e 450 passaportes biológicos (AMA, 2016).

Entretanto, a repressão imposta pelo antidoping da AMA seria uma das principais causas para direcionar a população a um comportamento de doping “underground” de práticas perigosas, tais como compartilhamento de agulhas e seringas para injeção. Estas práticas seriam uma maneira de expor um maior número de pessoas a danos potencialmente maiores como as epidemias por Hepatite B, Hepatite C e HIV (KAYSER & SMITH, 2008).

Este assunto será retomado em seguida, na investigação dedicada às mídias. Porém antes disso passemos às evidências epidemiológicas e às questões de saúde pública.

Um amplo número de publicações acadêmicas tem sido apresentadas a partir das últimas décadas do século passado, referentes ao consumo abusivo das chamadas "Performance and Image-enhancing Drugs" (PIEDs) como também das "drogas de estilo de vida". Estas inoculações incluem substâncias para aumentar as capacidades musculares (EA, HGH), sexuais (Viagra) e cognitivas (Piracetam), como tais consideradas doping, porém consumidas fora do cenário Olímpico, entre jovens estudantes esportistas em diferentes parte do mundo (YESALIS, et al., 1990; BAHRKE et al., 1998; NILSSON et al., 2001; PAPADOPOULOS et al., 2006; ASSUNÇÃO; SANTOS, 2012; CORAZZA et al., 2014).

No cenário brasileiro escolar o estudo mais abrangente no Brasil foi realizado através do V Levantamento Nacional sobre o Consumo de Drogas Psicoativas entre estudantes de Ensino Fundamental e Médio por Galduróz et al. (2004). Nesta pesquisa comparou-se o uso de anabolizantes e outras drogas, com a incidência no Brasil estipulada em 1,0%. Nestas condições os valores para as outras cinco regiões geográficas foram: Sul 0,5%, Sudeste 0,9%, Centro-Oeste 1,0% e Região Norte 1,2%. A utilização da já citada EA por exemplo figurou acima "do uso na vida" de outra droga como Crack (Brasil 0,7%).

Araújo (2003) verificou no Distrito Federal a prevalência de uso de EA em 5,46 % no total dos 3.830 da amostra, sendo que entre os estudantes de ensino médio de escolas públicas foi de 4,5% em estudantes particulares 9,1%. Observou uma prevalência maior entre os praticantes de esportes de 10,7% em comparação aos não praticantes 1,05 %.

Araújo et al. (2002) em estudo realizado em 14 academias de Goiânia, demonstraram uma prevalência de 24% para o uso de EA entre os entrevistados.

Em São Paulo o uso de EA é observado na população abaixo de 20 anos em 5%; este uso aumenta para 18% na faixa etária de 20 a 24 anos, e aumenta na faixa de 25 a 29 anos em 46%. Após esta última faixa etária, segundo os autores , o uso tende a declinar em 13% (SILVA; MOREAU, 2002).

Em Porto Alegre, Silva et al. (2007) verificaram em 288 frequentadores de academias, uma prevalência de uso atual ou passado para EA de 11% como também 39% relataram o uso de drogas ilícitas.

No Rio de Janeiro entre 448 (100%) estudantes universitários de Educação Física , o álcool era a droga mais utilizada acompanhada do cigarro, da maconha e dos EA em 19,2% dos estudantes. Portanto, a despeito do discurso vigente na área

da Educação Física, que reforça a importância de um estilo de vida saudável, adotam-se frequentemente comportamentos contrários a esta ideia (PALMA et al., 2007).

Na maioria dos casos, os jovens utilizam substâncias consideradas doping por diferentes razões entre elas: aumentar o desempenho nas competições, melhoria da aparência estética muscular, ascensão social e econômica, frequentemente associados ao álcool e as drogas ilícitas (CALFEE & FADALE, 2006, SILVA et al. 2007).

O contexto do doping, neste sentido, esta sendo apresentado de forma semelhante à dinâmica das drogas ilícitas, reforçada pela atuação histórica da AMA e do COI que estão preocupados excessivamente em investir na opressão ao esporte de alto nível, sem interesses na prevenção social (KAYSER & BOERS, 2012).

Além disso, o atleta olímpico e profissional tem o papel de ídolo ou “role model”, (modelo de comportamento) exercendo assim grande influência na população jovem, que frequentemente acaba[m] imitando seus comportamentos, incluindo o abuso de drogas (HELAL, 2000; BARON, MARTIN; MAGD, 2007).

Os autores Baron, Martin e Magd (2007) sugerem que o mercado negro internacional além de comercializar entre os atletas de elite o doping, também fatura no mundo mais de US \$ 1,4 bilhão de dólares por ano; entre as drogas mais usadas encontram-se a EA, a HGH, a EPO e os estimulantes.

No Brasil, o doping ganha as manchetes dos jornais e revistas especializadas, quando são deflagradas operações envolvendo a Polícia Internacional (Interpol), Polícia Federal e Agência Nacional de Vigilância Sanitária, resultantes da apreensão de medicamentos EA, HGH, EPO que são estimulantes e drogas ilícitas, comercializados ao público das academias (FARIAS; CECHETTO; SILVA, 2014).

Segundo a Interpol há uma tendência do tráfico de drogas migrar nos próximos anos para o tráfico de medicamentos falsificados, inclusive já existem rotas do fluxo destes medicamentos do Paraguai para o Brasil. (FARIAS; CECHETTO; SILVA, 2014).

A AMA diante dessas circunstâncias, aumentou o controle, tornou o Código Mundial Antidoping mais rígido, ampliou a lista de Substâncias e Métodos Proibidos, melhorou o aparato tecnológico de exames, criou o passaporte biológico, o banco de

amostras biológica e finalmente consolidou o fundo de pesquisa disponibilizado-o uma vez por ano (AMA, 2016).

As evidências de doping descritas acima apresentam limitações relativas à capacidade inferencial dos seus achados, por diversas razões como: amostra válida, delineamento de ações, instrumento de coleta, faixa etária, cultura, esporte e etc. Porém as limitações encontradas não nos impedem de assumir a gravidade da situação identificada e agir para apurar os fatos no nosso meio.

Assim, as pesquisas ganham validade e os meios e métodos utilizados nos auxiliam nos processos de tomada de decisões futuros, desde que este campo de investigação é pouco estudado no Brasil. Neste particular, o candidato pretende através dos seus trabalhos contribuir para a geração de novas pesquisas e produção de conhecimentos nesta área.

OBJETIVO GERAL DOS ESTUDOS E PESQUISAS EM APRESENTAÇÃO

Levantar evidências práticas e teóricas relacionadas às necessidades de renovação do modelo atual de controle de dopagem nas competições esportivas sobretudo com vistas à sobrevivência do esporte de alto rendimento e do ideário olímpico.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS DAS PRODUÇÕES REALIZADAS

1 - Verificar a prevalência de uso referido de substâncias proibidas (lista de doping) entre atletas de 14 a 17 anos participantes dos Jogos Escolares da Juventude de 2006.

2 - Investigar as notícias online a respeito de doping publicadas durante os Jogos Olímpicos de Londres 2012 em um grande Portal de Notícias brasileiro o G1;

3 - Definir melhor o problema filosófico do doping no esporte a partir de conceitos de bases teóricas;

4 - Reexaminar pela análise das preposições 15, 16 e 17 da Agenda Olímpica 2020 as propostas centrais da AMA até a presente data com foco nos atletas.

Assim disposto, apresentamos em seguida as principais questões a investigar separadas por eixos temáticos em formato de subtítulos: I - Epidemiologia do Doping; II - Doping na Midia; III - Significado do Doping; IV - Agenda 2020. As repostas estarão presentes ao longo das produções do pesquisador:

I - EPIDEMIOLOGIA DO DOPING NO ESPORTE ESCOLAR

Existem evidências de doping antes da realização do controle de doping, entre jovens atletas escolares participantes dos Jogos Escolares da Juventude de idades entre 14 e 17 anos no Brasil?

Quais seriam as substâncias mais consumidas por estes jovens atletas escolares de 14 a 17 anos da Etapa Nacional dos Jogos Escolares da Juventude?

Os resultados da pesquisa nos Jogos Escolares da Juventude no Brasil apresentam resultados similares a literatura internacional ou as estatísticas publicadas pela AMA?

II - DOPING NA MÍDIA

Como são abordados os conteúdos sobre doping no Portal G1 de notícias durante a realização de Jogos Olímpicos de Londres 2012?

Os conteúdos apresentados são capazes de informar seus consumidores de forma imparcial?

III - SIGNIFICADO DO DOPING

Existe solução para o problema do doping no esporte?

Por qual razão os atletas olímpicos utilizam o doping nos Jogos Olímpicos?

IV - AGENDA OLÍMPICA 2020

Existem entre as 40 recomendações da Agenda Olímpica 2020 alguma abordagem capaz de ressignificar a imagem do atleta há tanto tempo desgastada pelo doping e incredibilidade do seu desempenho nos Jogos Olímpicos?

A(s) recomendação(ões) encontrada(s) é (são) diferente(s) da luta contra o doping, e deste modo é (são) capazes de auxiliar no processo de redução do doping?

COERÊNCIA

Na segunda parte são apresentadas as produções do candidato e a sua trajetória com o objetivo de articular as publicações dentro de uma linha de pensamento comum.

No princípio da tese é apresentada uma investigação desenvolvida junto ao Doutor Eduardo De Rose, da Comissão Médica de Controle de Doping do Comitê Olímpico Brasileiro (COB), durante a realização dos Jogos Escolares da Juventude¹ (JEJ), da etapa nacional de 2006.

Neste primeiro estudo: **“Doping Survey in Brazilian Youth Scholar Games Levantamento de Doping em Jogos Escolares da Juventude no Brasil”** - O foco está posto na área epidemiológica pela utilização de estudo transversal realizado em amostra de 402 em atletas escolares (14-17 anos) submetidos a questionários anônimos durante os JEJ.

Esta pesquisa nasceu da hipótese que os atletas escolares de 12 a 17 anos, participantes dos JEJ estariam utilizando substâncias ou métodos proibidos na fase escolar. Ou seja, o doping como meio para subir na carreira esportiva nacional, antes da sua obrigatoriedade de realização de controles a serem encontrados na fase adulta.

Com este propósito foi organizado um levantamento epidemiológico em formato de questionários anônimos com base na lista de substâncias proibidas da Agência Mundial Antidoping (AMA) disponibilizada pelo COB em 2016 na publicação: Informações sobre o Uso de Medicamentos no Esporte².

O referencial metodológico teve por base a Dissertação³ de Mestrado do Candidato e, as adaptações necessárias no Projeto, foram realizadas pelo Grupo de Pesquisa e Pós-Graduação do Hospital de Clínicas de Porto Alegre da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Os resultados do trabalho confirmaram a hipótese do pesquisador e do COB, visto como foi observada na amostra de 402 de escolares, relataram doping: 1,7% para estimulantes, 2,2% para drogas ilícitas, 0,5% para esteroides anabolizantes e, 1,7% para hormônios e outras substâncias similares.

Esses resultados apresentam tendência similar às estatísticas de outros estudos em jovens de diferentes partes do mundo (BAHRKE et al., 1998; NILSSON et al., 2001; PAPADOPOULOS, 2006). Nessa mesma linha de conta, citamos,

¹ Disponível em: <<https://www.cob.org.br/pt/jogos-escolares>> Acesso em 02 nov. 2016

² Disponível em

<<http://www.cbh.org.br/arquivos/Informacoes%20sobre%20o%20uso%20de%20medicamentos%20no%20Esporte%20-%20COB%20Cavaleiros%20Amazonas.pdf>> Acesso em 02 nov. 2016

³ Disponível

em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/6723/000489079.pdf?sequence=1>> Acesso em 30 de out. 2016.

ainda, os resultados de estatísticas recentes de atletas brasileiros “positivos” submetidos ao controle de doping (ASSUNÇÃO & SANTOS, 2012).

A partir dos achados preliminares dessa pesquisa relatados ao COB pelo citado Doutor De Rose, duas direções para esse estudo foram assumidas: uma daria o seguimento a um estudo epidemiológico e a outra apontaria um novo caminho para ampliação da pesquisa original, visando à Educação Olímpica e aos Valores do Esporte como uma estratégia de prevenção e redução do doping.

Para essas opções seriam necessárias orientações de outro especialista, indicando-se então o nome do Professor Doutor Lamartine Pereira da Costa da Universidade Gama Filho-UGF (RJ) existente à época. Na sequência houve a aproximação do candidato com o seu novo orientador, promovida pelo Professor Doutor Alberto Reppold Filho da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Em seguida, houve prosseguimento das pesquisas, porém por questões internas do COB e do Comitê Organizador dos Jogos Escolares da Juventude os trabalhos foram cancelados após três coletas de dados epidemiológicos e pela coincidente implantação do Programa Nacional de Educação Antidoping apoiado pela AMA.

A partir desse impedimento o candidato iniciou suas investigações em outra área de estudos: a mídia. Neste novo estágio o candidato atuou como bolsista de Capacitação Profissional na Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ), no Laboratório de Estudos em Meio Ambiente e Saúde (LEAS) e também como pesquisador associado ao Grupo de Estudos Olímpicos da UGF.

Portanto, o segundo artigo assumiu abordagem social e cultural, analisando **“A cobertura Esportiva dos Jogos Olímpicos de Londres 2012: A tematização do Doping no Portal de Notícias G1”** (SILVA; RIBEIRO; COSTA, 2013). Como tal o estudo tem enfoque qualitativo com base no referencial sócio-antropológico e suas interfaces com o campo da saúde coletiva (MYNAIO, 2008). Nessas condições encontraram-se nos conteúdos das 145 reportagens do Portal G1, duas categorias de consenso: a) desconfianças em torno do desempenho dos atletas; b) punições destinadas aos atletas com exames positivos.

A primeira categoria de consenso (desconfianças em torno do desempenho dos atletas) deixa claro suspeitas por uma série de fatos divulgados amplamente na mídia. Em outras palavras, houve necessidade de armazenar as amostras para

análises futuras por período de oito anos; pela grande quantidade de controles de doping não justificarem o pequeno número de resultados positivos.

Estamos então diante da compreensão de que o limite humano para a conquista de novos recordes está se aproximando do problema da legitimidade de tais ocorrências. Dentro deste posicionamento teórico seria possível aventarmos que as “vitórias” – desempenho de destaque e controle de doping negativo - do atleta de hoje poderão ser as “derrotas” - perda de medalha e controle de doping positivo - do amanhã.

A outra categoria (punições destinadas aos atletas com exames positivos) concentra-se na divulgação das notícias de doping, comparando-os aos criminosos (falsários, degredados), utilizando fortes expressões negativas em suas pautas, como: trapaceiros, bandidos etc. Por outro lado, cabe destacar a imagem produzida pela mídia para a AMA que é passada adiante como a organização incansável, uma espécie de polícia internacional, detentora da lei e da ordem, em constante combate ao doping, semelhante à campanha internacional de guerra às drogas ilícitas.

O fator “*war on drugs*” todavia estender-se-ia para “*war on doping*” (KAYSER & BOERS, 2012). Ou seja, palavras como “combate”, “manchar”, “punido”, “trapaceiros” e expressões tais como “guerra às drogas”, “mal do esporte”, “vencer a qualquer custo” fazem parte do vocabulário do conteúdo destas notícias.

Este estudo propiciou ao candidato o ingresso oficial no Doutorado da UGF, através do projeto de Doping na Mídia, sob a orientação do Professor Doutor Lamartine e das contribuições do Professor Doutor Carlos Henrique de Vasconcellos Ribeiro.

Por sua vez, a terceira pesquisa advém da necessidade do candidato encontrar respostas para melhor compreensão do fenômeno do doping, em modo conceitual. Trata-se então de uma tentativa de simplificação para o entendimento da sobrevivência do doping, apesar das ações de controle, combate e mensagens da mídia.

Para isto recorreu-se à Filosofia, gerando assim a terceira produção: “**O pensamento heurístico de Occam aplicado ao problema filosófico do doping no esporte**”; nela Silva & Costa, (2014) utilizam a Lâmina de Occam, como recurso filosófico, para debater o problema de banimento das drogas e procedimentos para a obtenção de resultados.

Para tal, discutem com base em trabalho recente de Schneider (2014), sobre os quatro argumentos antidoping todavia inconclusivos desde a criação da AMA em 1999: trapaça, vantagem injusta, prejudicial aos usuários e perversão da natureza do esporte (desumanização). Objetivou-se assim, ao estilo de Occam reduzir ou eliminar os argumentos de doping e discursos típicos das suas inquirições.

A redução intencionada incidiu sobre o argumento da perversão do esporte cuja conclusão pertinente evitará potencialmente a dissolução das práticas esportivas, algo que não ocorre com os demais argumentos.

A partir deste ponto em que foi identificada por reduções a raiz do doping no âmbito do esporte Olímpico, iniciamos o desenvolvimento de teorias que possam atender a integridade do esporte em sua totalidade, balizados pela ética e valores humanos.

Ao revisar a literatura na busca conceitual do doping no prisma da humanidade, encontramos o conceito de tipo ideal aplicável desde a antiguidade ocidental da Grécia - valores cultivados nos atletas mediados pela “kalokagatia” (COSTA, 2002), até ao Japão oriental via código de honra dos Samurais no “bushido” (COELHO et al., 2016).

Na idade média no final do Século XII nasceu o cavaleiro ou “chevalerie” orientado por ideais cristãos para proteção da Igreja e dos seus fiéis. Na Inglaterra do Século XIX reapareceu a figura do atleta como o praticante do esporte disciplinado as regras e ao Jogo Limpo ou “Fair play”, entre os estudantes e a aristocracia inglesa. Inclusive surgiu na mesma época e localização o movimento do Cristianismo Muscular ou “Muscular Christianity” que atribuía o comportamento atlético aos ideais cristãos (SILVA, 2015).

Na era moderna no final do Século XIX o Barão Pierre de Coubertain desenvolveu a filosofia do Olimpismo, baseada na atividade atlética, cultivo de valores como “fair play” e excelência. Recentemente encontra-se uma percepção na opinião pública do atleta como um portador de valores “carrier of values”, advindos da prática do esporte em si mesma (SILVA, 2015).

Em 2014, no período dessa revisão de literatura, o Comitê Olímpico Internacional publicou a Agenda Olímpica 2020 (IOC, 2016), uma proposta para renovação dos Jogos Olímpicos e entidades parceiras alcançando os próximos quatro anos. O texto a seguir reflete uma prioridade entre as 40 recomendações

síntese da Agenda, isto é o atleta limpo ou “clean athlete”, apresentado na pesquisa final da tese como o ponto de partida do candidato para os próximos anos de pesquisa.

A pesquisa final, “**O Atleta “Limpo” e a Agenda Olímpica 2020**” (SILVA, 2015) investiga por retrospecto de análises sociológica e histórica, a proposta da Agenda Olímpica 2020, convergindo às mudanças indicadas nas preposições 15, 16 e 17 - com respeito ao *clean athlete* (tradução livre: atleta limpo). Isto posto, identifica-se nesta revisão um caminho para situar a tese objetivada pelos estudos no campo de ambientes olímpicos futuros, buscando meios de intervir e resgatar a ética e os valores do esporte no nosso tempo.

É uma nova abordagem para tratarmos das questões do doping que vão além do controle de privacidade do atleta, da rigidez do Código Mundial Antidoping e das tecnologias de detecção de doping. A Agenda 2020 inova nos tempos recriando um ambiente de condições propícias para a valorização e surgimento do *clean athlete* na cena olímpica além da máxima de competir para vencer.

Para isto, a Agenda 2020 prevê mudanças de estratégias que incidem “agora” sobre as organizações esportivas, por meio de ações de proteção aos atletas limpos, de promoção à sustentabilidade do esporte e, ainda de combate a corrupção nesses órgãos. Desta forma, finalmente poder-se-á cair por terra o sentido da perversão há muito tempo presente nos esportes.

A seguir, serão apresentados os dois artigos, a apresentação em congresso, o capítulo de livro e ao final as considerações gerais e tese.

REFERÊNCIAS

AMA. Agência Mundial Antidoping. Disponível em: < <https://www.wada-ama.org/> > Acesso em:: 29 de out. 2016.

AQUINO NETO, F. R. O papel do atleta na sociedade e o controle de dopagem no esporte. *Rev Bras Med Esporte*, v. 7, n. 4, jul/ago, 2001.

ARAÚJO, L.R.; ANDREOLO, J.; SILVA, M. S. Utilização de suplemento alimentar e anabolizantes por praticantes de musculação nas academias de Goiânia - GO. *Rev. Bras. Ciênc. Mov.* v. 10, n.3, p.13-8, 2002.

ARAÚJO, J. P. *O uso de esteróides androgênicos anabolizantes entre estudantes do ensino médio no Distrito Federal*. 2003. 90 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2003.

ASSUNÇÃO, L.; SANTOS, J. H. *Controle antidoping no Brasil: monitoramento e prática de dopagem. Pensar a Prática*, v. 15, n. 3, p. 272-550, 2012.

BAHRKE, M.S.; YESALIS, C. E.; BROWER, K.J. Anabolic-androgenic steroid abuse and performance-enhancing drugs among adolescents. *Child Adolesc Psychiatr Clin N Am*. v. 7, n. 4, p. 821-38, 1998.

BARON, D. A.; MARTIN, D. M.; MAGD, S. A. Doping in sports and its spread to at-risk populations: an international review. *World Psychiatry*, v. 6, n. 2, p.118-123, 2007.

CALFEE, R.; FADALE, P. Popular Ergogenic Drugs and Supplements in Young Athletes. *Pediatrics*, v.117, n. 3, p. 577-89, 2006.

CECCHETTO, F.R. et al. Distinct approaches towards anabolic steroids: risks to health and hypermasculinity. *Interface - Comunic. Saúde, Educ.*, v.16, n. 40, p. 243-56, 2012.

COELHO, M. et al. O Samurai como Metáfora da Sociedade Japonesa. *Revista Kinésis*. Ed. Especial. Santa Maria, RS, v. 34. p.83-101, 2016.

CORAZZA, O. et al. The diffusion of Performance and Image-Enhancing Drugs (PIEDs) on the Internet: The Abuse of the Cognitive Enhancer Piracetam. *Substance Use & Misuse*, v. 49, p. 14, 2014.

COSTA, L. P. *Olympic Studies - Current Intellectual Crossroads*: Programa de Pós-Graduação em Educação Física. Rio de Janeiro: Ed. Gama Filho, 2002.

FARIAS, P.; CECCHETTO, F; DA SILVA, P. R.P. Homens e mulheres com H(GH). *Cadernos Pagu*, v. 42, p. 417-446, janeiro-junho de 2014.

GALDURÓZ, J. C. F. et al. *V levantamento nacional sobre o consumo de drogas psicotrópicas entre estudantes do ensino fundamental e médio da rede pública de ensino nas 27 capitais brasileiras 2004*. Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas (CEBRID) - Universidade Federal de São Paulo Escola Paulista de Medicina - Departamento de Psicobiologia. Relatório de Pesquisa, p. 328, São Paulo, 2004.

HELAL, R. Campo dos Sonhos: esporte e identidade cultural. *Comunicação Movimento e Mídia na Educação Física*, Santa Maria- Rio Grande do Sul, v. 3, p. 78-81,2000.

INTERNATIONAL OLYMYC COMMITTEE. Olympic Agenda 2020. Disponível em:<<https://www.olympic.org/olympic-agenda-2020>>. Acesso em: 12 de dez. 2016

IRIART, J. A. B.; ANDRADE, T. M. Musculação, uso de esteróides anabolizantes e percepção de risco entre jovens fisiculturistas de um bairro popular de Salvador, Bahia, Brasil. *Cad. Saúde Pública*, v.18, n. 5, p.1379-1387, 2002.

KAYSER, B; BROERS, B. The Olympics and harm reduction? *Harm Reduct J.* 2012; v. 9, n. 33, p.1-9.

KAYSER, B. Current anti-doping policy: a critical appraisal. *BMC medical Ethics* v. 8, n. 2, 2007.

KAYSER, B.; SMITH, A. C. T. Globalization of anti-doping: the reverse of the medal. *BMJ.* v. 337, p. 584, 2008.

MINAYO, M.C. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.* 2. ed. São Paulo/Rio de Janeiro. Ed. Hucitec-Abrasco, 2008.

NILSSON, S. et al. The prevalence of the use of androgenic anabolic steroids by adolescents in a county side of Sweden. *Eur J Public Health*, v. 11, n. 2, p.195-97, 2001.

PALMA, A. et al. Comportamentos de risco e vulnerabilidade entre estudantes de Educação Física. *Rev Bras Epidemiol.* v. 10, n.1, p. 117-26, 2007.

PALMA, A.; ASSIS, M. Uso de esteróides anabólicos-androgênicos e aceleradores de metabolismo entre professores de educação física que atuam em academias de ginástica. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 27, n. 1, p. 75-92, set. 2005.

PAPADOPOULOS, F.C. et al. Doping use among tertiary education students in six developed countries. *Eur J Epidemiol*, v. 21, n. 4, p. 307-313, 2006.

SCHNEIDER, A. Doping. In: Torres, C. (Ed). *The Bloomsbury Companion to the Philosophy of Sport.* London: Bloomsbury, 2014, p. 350-352.

SILVA, L.S.M.F.; MOREAU, R. L. M. Uso de esteróides anabólicos androgênicos por praticantes de musculação de grandes academias da cidade de São Paulo. *Rev Bras Cienc Farm.* v. 39, n. 3, p. 327-33, 2002.

SILVA, P.R.P. et al. Prevalência do uso de agentes anabólicos em praticantes de musculação de Porto Alegre. *Arq Bras Endocrinol Metab*, v. 51, n.1, 2007.

SILVA, P. R. P.; COSTA, L. P. O pensamento heurístico de Occam aplicado ao problema filosófico do doping no esporte. In: *2014 IAPS and ALFiD Conference.* 2014. Natal. Abstract Book of IAPS & ALFiD 2014 Conference, 2014. Disponível em: < <http://www.ufrgs.br/iaps2014brazil/IAPS-ALFiD%20Abstract%20Book%202014%208%2023.pdf>.> Acesso em:: 20 de out. 2016 .

SILVA, P. R. P; RIBEIRO, C. H. V.; COSTA, L. P. A cobertura esportiva dos Jogos Olímpicos de Londres 2012: a tematização do 'doping' no portal de notícias G1. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte* (Impresso), v. 27, p. 437-446, 2013. Disponível em: < http://www.scielo.br/pdf/rbefe/v27n3/aop_1813.pdf >. Acesso em:: 18 de out. 2016.

SILVA, P.R.P. et. al. *Levantamento de Doping em Jogos Escolares da Juventude no Brasil*. Artigo submetido à Revista Brasileira de Medicina do Esporte em 15/05/2016.

SILVA, P.R.P. O Atleta Limpo e a Agenda Olímpica 2020. In Deslandes, A., COSTA, L.P.; MIRAGAYA, A. (Eds). *O Futuro dos Mega-eventos Esportivos*. Rio de Janeiro: Engenho Arte e Cultura, p. 465-476, 2015. Disponível em:
<http://correrbem.org.br/wp-content/uploads/2015/06/The-Future-of-Sports-Mega-events-new-book-on-Agenda-2020.-2015_06_15.pdf> Acesso em:: 20 de out. 2016

YESALIS, C, ANDERSON, W., BUCKLEY, W., WRIGHT, J. (1990). Incidence of the onmedical use of anabolic-androgenic steroids. In G. Lin & L. Erinoff (Eds.). *Anabolic Steroid Abuse* (National Institute on Drug Abuse Research, Monograph 102, DHHS publication no. ADM 90-1720). Rockville, MD: U.S. Department of Health and Human Services, Public Health Service.

YESALIS, C.; BAHRKE, M. S. History of Doping in Sport. *International Sports Studies*, v. 24, n. 1, p. 42-76, 2002.

1 ARTIGO 1 - LEVANTAMENTO DE DOPING EM JOGOS ESCOLARES DA JUVENTUDE NO BRASIL⁴

Paulo Rodrigo Pedroso da Silva, Ana Maria Pujol V. dos Santos, Maria Helena Jacob, Eduardo Henrique De Rose, Vandr  Casagrande Figueiredo, Gelado de Albuquerque Maranhão Neto, Lamartine Pereira da Costa

RESUMO

Introdu o: Controle de dopagem é um meio importante para a preven o do uso de substâncias e métodos proibidos no esporte. Este trabalho investigou o uso referido de substâncias ilícitas entre os jovens estudantes brasileiros na etapa Nacional dos Jogos Escolares da Juventude. O principal evento do esporte entre os atletas em idade escolar do Brasil que congrega cerca de dois milhões de estudantes durante as fases eliminatórias estaduais. **Métodos:** Estudo transversal com atletas brasileiros participantes dos Jogos Escolares da Juventude de 2006 com idades entre 14-17 anos. Os sujeitos foram selecionados aleatoriamente e preencheram um questionário an nimo sobre o uso de substâncias. Foi utilizado teste qui-quadrado para compara o de propor es entre as diferentes variáveis sobre o uso referido de substâncias. As anlises Uni e multivariada e a regressão logística foram realizadas. **Resultados:** Entre os 402 atletas participantes, os resultados mostraram a alta prevalência de álcool (35,8%), suplementos nutricionais (39,1%) e tabaco (5,4%). Em rela o às drogas ilegais e ao doping, 1,7% relataram o uso de estimulantes, 2,2% drogas ilícitas, 0,5% esteróides anabolizantes e, 1,7% hormônios e outras substâncias similares. Além disso, foram encontradas, a utiliza o de estimulantes (especialmente Jud  e T nis de Mesa), medicamentos (especialmente Jud  e Xadrez) e suplementos dietéticos (especialmente Nata o e Jud , com mais de 50% relataram uso). **Conclusão:** O presente estudo sugere que o uso de substâncias entre os jovens atletas é semelhante aos resultados encontrados entre os atletas olímpicos adultos das estatísticas do Comitê Olímpico Internacional e da Agência Mundial Anti-Doping, especialmente no que diz respeito ao uso de suplementos alimentares, esteroides anabolizantes e estimulantes de acordo com dados coletados por outros estudos. Consideramos que os resultados do presente trabalho indicam a necessidade de esforços específicos para monitoramento, preven o e controle do uso de substâncias entre atletas escolares dos Jogos Escolares da Juventude.

Palavras-chave: Doping. Esporte Escolar. Desempenho. Adolescente.

⁴ Artigo original submetido à Revista Brasileira de Medicina do Esporte em 15/05/2016.

DOPING SURVEY IN BRAZILIAN YOUTH SCHOLAR GAMES

ABSTRACT

Background: Doping control is an important means for the prevention of the use of illegal substances and methods in sports. This paper investigated the self-reported use of illegal substances among young Brazilian students in the National Youth Scholar Games. As such these youth sport competition is the main sport event among school-aged athletes in Brazil with almost 2 million students during all the game phases. Methods: Cross-sectional study with athletes of the Brazilian Youth Scholar Games 2006 aged 14-17 years. The subjects were randomly selected and completed an anonymous questionnaire about substances use. Chi-square test was used for proportion comparison between different variables on the self-report use of substances. Uni- and multivariate logistic regression analysis were performed. Results: Among the 402 athletes (aged 14-17) volunteered to participate, the results showed the high prevalence of alcohol (35.8%), nutritional supplements (39.1%) and tobacco (5.4%). Regarding illegal drugs and doping, 1.7% reported the use of stimulants, 2.2% illicit drugs, 0.5% anabolic steroids and 1.7% hormones and other similar substances. Moreover, a different use of stimulants was found (especially Judo and Table tennis), medicine use (especially Judo and Chess) and dietary supplements (especially Swimming and Judo, with more than 50% reported use). Conclusion: The present study suggests that the use of substances among young athletes is similar to the results found among adult Olympic athletes from International Olympic Committee and World Anti-Doping Agency, especially as concerns the use of dietary supplements, anabolic steroids and stimulants according to data collected by other studies. We consider that the findings of the present work sustain the need for specific efforts for monitoring, prevention and control of use of substances among scholar athletes in big events and competitions such as the Survey about doping in the National Youth Scholar Games.

Key words: Doping in Sports. Youth Sports. Athletic Performance. Adolescent.

INTRODUCTION

Adolescents are naturally hardly concerned with their health and appearance. At the same time, they have to cope with substantial social, psychological and physical developments. Considering this very sensitive phase of development, athletes' education has to start earlier focusing on nutritional knowledge and attitudes about doping and performance-enhancing drug (PED).

Doping control is an important means for the prevention of the use of illegal substances and methods in sports. The World Anti-doping Agency (WADA) was

created in 1999 for the purpose of eradicate doping in sports. Annually, WADA publishes a summary of analytical results reported by accredited laboratories (WADA, 2015). As shown by statistics from WADA (2011) 5,600 samples were found to contain illegal substances. The majority was composed by substances related to the group of anabolic steroids 59.4%, as testosterone and stanozolol, followed by stimulants 12.8%, cannabinoids 7.9%, diuretics and others 6.6%.

Coaches, parents and the athletes themselves are constantly pushing themselves to better performance. It can be negative when competition and winning is “at all costs”. However, it is understandable that athletes and their coaches do not take into account the negative effect of doping on their physical performance compared with the advantage of achieving important results in their careers.

An important study showed that 1% of athletes` samples collected in 2008 was positive for illegal substances in Brazil. Following the same trend found in WADA results, anabolic steroids 58.3% were found to be the most abused substance, followed by stimulants 14.5% (ASSUNÇÃO, SANTOS, 2012).

Beyond the Olympic scenario, doping permeates the sports in the social sphere. Frequently reported in scientific communications, the massive use of dietary supplements and self-medication with illicit drugs among amateur athletes and exercise practitioners should be addressed herein (KAYSER, MAURON, MIAH, 2007).

Researches on young people regarding the abuse of forbidden substances have been done in many countries (BAHRKE, YESALIS, BROWER, 1998; NILSSON et al., 2001; PAPADOUPOLOS et al., 2006; ASSUNÇÃO, SANTOS, 2012). In the majority of the cases, young people use these substances for many different reasons, such as increase in performance; social, economic and muscular aesthetic aspirations, linked to alcohol and illicit recreational drug abuse (CALFEE, FADALE, 2006). Also non-medical use of anabolic-androgenic steroids (AAS) is considered an issue of public health concern with an overall global lifetime prevalence of 3,3% and a lifetime prevalence of 2,3% for high school students (SAGOE et al.,2014). However, the research on the prevalence of doping and its consumer profile is still incipient, mainly due to difficult to assess the most consumed ones, dosage and period of usage (KAYSER, BROERS, 2012).

Thus far, the objective of the present study was to verify the self-reported use of illegal substances among young Brazilian students in the National Youth Scholar

Games of 2006. As such these youth sport competition is the main sport event among school-aged athletes in Brazil with almost 2 million students during all the game phases. More than 1,100 Brazilian public and private educational institutions are represented in this event second Brazilian Olympic Committee⁵.

MATERIALS AND METHODS

Study design and subjects: cross-sectional study with athletes of the National Youth Scholar Games of 2006, aged 14-17 years. The subjects completed an anonymous questionnaire during the National Youth Scholar Games in Brasilia/DF. They were randomly selected by raffle and represented the entire population of athletes. The sampling procedure was organized in order to achieve an equal distribution between female and male athletes 51% female, representation of major teams (Basketball, Indoor Soccer, Handball and Volleyball) and several individual sports (Athletics, Judo, Swimming, Table tennis and Chess). All athletes had at least two years of training and competition experience. Athletes and coaches were informed in detail about the experimental procedures. The study complied with the Declaration of Helsinki and with the Brazilian Resolution 196/96. This study was approved by the Ethical Committee of the University Salgado de Oliveira (Rio de Janeiro) (reference number 1.239.180). Written informed was obtained from the athletes' responsible prior to participation.

Initially, the sample size calculated was two events of the National Youth Scholar Games (4-8% from 2,500 athletes in total) using Confidence Intervals of 95%. Questionnaires were adapted from the Prohibited List Substances of WADA 2006. Answers to the survey were confidential, treated anonymously and according to the highest scientific standards.

A total of 450 questionnaires were returned, from these were 402 completed. The data were typed by two researchers in Excel (Microsoft) for later analysis using Stata Standard Edition for Windows (v.11.2). The results were presented in absolute and relative frequency. Chi-square test was used for proportion comparison between different variables on the self-report use of substances. Uni- and multivariate logistic

⁵ Disponível em: < <https://www.cob.org.br/pt/jogos-escolares/15-a-17-anos>>. Acesso em: 10 ago. 2016

regression analysis were performed to determine which variables were significant with self-report use of doping. The minimum level of significance was set at $p \leq 0.05$.

RESULTS AND DISCUSSION

The adverse health effects associated with the use of anabolic steroids and other prohibited substances make doping use at young age a major public health concern worldwide (BARKOUKIS, LAZURAS, TSOBATZOUKIS, 2014). The difficulty of measuring the prevalence of doping in elite sport is a recurring issue worldwide (PITSH, EMIRICH, 2012).

The subjects were 402 athletes (aged 14-17) volunteered to participate, 49% males and 51% females, (table 1). They were recruited from 9 different sports: Athletics, Basketball, Handball, Judo, Swimming, Indoor soccer, Volleyball, Table tennis and Chess.

Table 1 - Reported substances and doping use among 402 student athletes of National Youth Scholar Games

Variable	N doping	%	N total	P value
Gender				
Female	32	15.6	205	0.40
Male	25	12.7	197	
Age (Years)				
14	0	0	10	0.52
15	16	15.2	105	
16	23	15.7	146	
17	18	12.8	141	
Grade				
Elementary	5	8.3	60	0.16
High School	52	15.2	342	
School				
Public	20	13.4	149	0.75
Private	36	14.6	247	
Sports				
Athletics	6	10.3	58	0.02
Basketball	7	9.2	76	
Judo	10	34.5	29	
Swimming	3	12.0	25	
Table Tennis	1	6.7	15	
Indoor Soccer	7	13.7	51	
Handball	16	18.8	85	
Volleyball	6	11.5	52	

Chess	4	36.4	11	
Sports practice time				
until 6 months	5	33.3	15	0.05
6monthsuntil1year	2	13.3	15	
1 year until 2 years	6	10.5	57	
2 yars until 4 years	25	20.2	124	
More than 4 years	22	11.6	190	
Substances				
Alcohol				
Never	30	11.6	258	0.05
Yes, I did	27	18.7	144	
Tobacco				
Never	49	12.9	380	0.002
Yes, I did	8	36.4	22	
Supplements				
Never	24	9.8	245	0.002
Yes, I did	33	21.0	157	

Concerning the self-reported use of substances, 39.1% reported the use of dietary supplements, 5.4% tobacco and 35,8% alcohol beverages. Regarding illegal drugs and doping, 1.7% reported the use of stimulants, 2.2% illicit drugs, 0.5% anabolic steroids and 1.7% hormones and other similar substances (table 2). With the exception of Table Tennis, the greatest use of substances among school athletes was supplements, followed by medication (table 2). Interestingly, among the athletes of Chess, what most athletes are using is medication followed by supplements, Chess being the sport where the most frequent use of illicit drugs is made (cannabis, hashish and cocaine). This characteristic may be possibly associated with the need of "insights" and the extreme imagination use.

Table 2 - Report substances use according sports among athletes of National Youth Scholar Games

Sport	Stimulants (%)	Illicit Drugs (%)	Steroids (%)	Other Hormones (%)	Medications (%)	Supplements (%)
Athletics	0	1.7	0	0	10.3	48.3
Basketball	0	1.3	1.3	0	9.2	28.9
Judo	10.3	6.9	6.9	6.9	27.6	51.7
Swimming	0	4.0	0	0	8.0	92.0
Table	6.7	0	0	0	0	26.7
Tennis						
Indoor	3.9	0	0	0	11.8	41.2

Soccer						
Handball	0	2.3	1.2	4.7	14.1	24.7
Volleyball	1.9	1.9	0	1.9	7.7	40.4
Chess	0	9.1	0	0	36.4	18.2
<i>p</i> value	0.008	0.48	0.131	0.110	0.03	0.001

(*) Stimulants refer consumption to caffeine, amphetamine, guarana, taurine and others;

(**) Illicit drugs refer consumption to cannabis, haxixe and cocaine;

(***) Other hormones refer use to human growth hormone and insulin.

The correlation analysis detected as significant variables for the use of doping: type of sport, time of practice, use of alcohol beverages, tobacco and dietary supplements (table 1). Table 2 discriminates the use of substances for different sports. Moreover, a different use of stimulants (especially Judo and Table tennis), medicine use (especially Judo and Chess) and dietary supplements (especially Swimming and Judo, which more than 50% reported its use) was found. Among Caribbean footballers female players attempted to use a banned substance in order to get fit to play while males were more likely to use a painkiller before playing games (BABWAH, 2014). Webb and Beckford (2014) investigated the nutrition knowledge and attitudes of 220 adolescent swimmers training competitively in Trinidad and Tobago. They were found to have inadequate nutrition knowledge, which could contribute to their performance and health.

The correlation analysis detected as significant variables for the use of doping: type of sport, time of practice, use of alcohol beverages, tobacco and dietary supplements (table 1). Table 2 discriminates the use of substances for different sports. Moreover, a different use of stimulants (especially Judo and Table tennis), medicine use (especially Judo and Chess) and dietary supplements (especially Swimming and Judo, which more than 50% reported its use) was found. Among Caribbean footballers female players attempted to use a banned substance in order to get fit to play while males were more likely to use a painkiller before playing games (BABWAH, 2014). Webb and Beckford (2014) investigated the nutrition knowledge and attitudes of 220 adolescent swimmers training competitively in Trinidad and Tobago. They were found to have inadequate nutrition knowledge, which could contribute to their performance and health.

Table 3 shows the variable that remains significant with and without adjustment (calculated by odds ratio). The variables that remained significant were the following: Judo, Table tennis, and Handball, use of dietary supplements and

practice of sports for at least 6 months. The present study suggests that the use of substances among young athletes is similar to the results found among adult Olympic athletes from IOC and WADA, specially what concerns the use of dietary supplements, androgenic-anabolic steroids (AAS) and stimulants according to data collected by other studies (PAPADOPOULOS et al., 2006; ASSUNÇÃO, SANTOS, 2012; WADA, 2015). A cross-sectional study with 729 competitive athletes showed that athletes appeared most willing to dope if they were to suffer an injury, a dip in performance or think others are doping and getting away with it (WHITAKER, 2014).

Table 3 - Univariate and Multivariate Logistic Regression

Variable	Category	OR Crude	CI 95%	OR Adjusted	CI95%
Sports	Athletics	reference			
	Basketball	0.88	0.28-2.77	1.30	0.38-4.56
	Judo	4.56	1.45-14.27	6.44	1.78-23.28
	Volleyball	1.07	0.32-3.58	0.99	0.29-3.45
	Handball	2.01	0.74-5.49	3.27	1.07-10.02
	Swimming	1.18	0.27-5.15	1.20	0.25-5.71
	Chess	4.95	1.11-22.0	9.33	1.78-48.78
	Table Tennis	0.62	0.69-5.57	0.64	0.06-6.48
	Indoor Soccer	1.39	0.43-4.40	1.92	0.54-6.84
Alcohol	Never	reference		Reference	
	Yes, I did	1.70	0.98-2.97	1.52	0.78-2.96
Tobacco	Never	reference		Reference	
	Yes, I did	3.60	1.44-9.01	2.33	0.78-6.95
Supplements	Never	Reference			
	Yes, I did	2.74	1.56-4.81	3.91	2.01-7.61
Sports practice time		reference		Reference	
	6 months until 1year	4.25	1.08-16.67	8.47	1.83-39.13
	1 year until 2 years	1.31	0.24-7.25	1.50	0.25-9.03
	2 years until 4 years	2.15	0.83-5.57	1.77	0.63-4.99
	More than 4 years	1.11	0.43-2.89	0.80	0.28-2.31

By far, the most prevalent illicit drugs are AAS. Competitive athletes tend to use other categories of PED in addition to AAS. Bodybuilders use diuretics to improve muscle definition while boxers and wrestlers use it to reduce body weight required to compete at a lower weight class. Athletes also combine AAS and erythropoietin to train harder as well as to recover faster. Tranquilizers (such as

opiates and benzodiazepines) reduce anxiety and can mask pain during a championship (PITSH; EMRICH, 2012).

There was a tendency found for use of illicit substances (alcohol and tobacco), although it was not maintained after adjustment in the final model (table 3). Also, it is known that the association of the mentioned substances with doping is part of the risk behavior in adolescents and young adults (DURANT; ESCOBEDO, 1995; LAURE et al., 2004; PAPADOPOULOS et al., 2006). The relation between the use of dietary supplements and doping remained in the final model and is frequently reported by other researchers (PAPADOPOULOS et al., 2006).

The same source found an odds-Ratio of 4.16 for the use of doping in dietary supplements users of 20 and 30 years old. Coincidentally, we report a similar odds ratio value 3.91. The appeal of dietary supplements use and consequently doping appears well represented in young athletes, which do not seem to care about the long term consequences of rapid gain in performance. A shorter time of practice was also significant for the reporting of doping 8 times higher risk (table 3). A research in Australia found that most of the athletes in the sample started to use banned substances early in their careers. Personal factors, specifically the desire to be the best in their chosen sport or to win, prevailed over all other factors. In most cases, the decision to dope was carefully planned (ENGELBERG; MOSTON; SKINNER; 2015). Athletes with excessive perfectionism, extrinsically motivated and who have contact with doping users have a positive attitude toward doping. Athletes who exhibit these characteristics should be considered at risk and monitored to prevent possible future sports drug use (ZUCCHETTI; CANDELA; VILLOSIO, 2015).

In spite of an association between the use of doping and higher physical activity level (LAURE; BINSINGER, 2007; MILLER et al., 2005), the findings of the present study suggest that the subjects aimed at rapid gains in performance to compensate for the short time of practice. We believe that this finding is also significant, mainly because in many studies, the subjects were composed of trained individuals (PAPADOPOULOS et al., 2006; LAURE; BINSINGER, 2007).

The practice of Handball, Judo and Chess were significantly correlated with doping report. For Handball and Judo, hormones and anabolic steroids were the most cited, and the use of medicines was the most reported by chess players. The use of specific medicines (as beta-blockers) or illicit drugs (as marijuana) were related to the attempt to decrease the emotional stress. The most reported

substances were stimulants, diuretics and anabolic steroids. Since 1980, Anabolic steroids have been the most reported substance within the statistics from doping control (NETO, 2001). Male Brazilian Handball athletes (15 to 19 years old) participated in a randomized study receiving a creatine supplement for 32 days associated with a specific resistance program. They have experienced an increase in muscle strength without changes in body composition (PERCÁRIO et al., 2012).

This survey demonstrates for young participants of National Youth Scholar Games high prevalence of reported use for alcohol 35.8% and tobacco 5.4%, very similar to the levels found in the VI National Survey on consumption of Psychoactive Drugs among 50,980 students from elementary and high school, 27 Brazilian state capitals, where the drugs most frequently mentioned by non-athlete students were alcoholic beverages 42.9% and tobacco 9.6% (CARLINI et al., 2010). In a review, adolescent athletes are more likely to consume alcohol, smokeless tobacco and steroids than non-athletes (DIEHL et al., 2012). This demonstrates that the practice of sport itself does not eliminate the consumption of alcohol and tobacco among school athletes participating in the National Youth Scholar Games.

Importantly, illicit drugs and doping were found in this sample and thus indicate the use of stimulants 1.7%, illicit drugs 2.2%, anabolic steroids 0.5 %, other hormones and similar substances 1.7% in the above results thus pointing to the need for implantation of doping control and prevention in the future National Youth Scholar Games in addition to educational supportive means.

Deserves attention the excessive consumption of dietary supplementation 39.1% among the National Young Athletes which may cause serious risks to health and career development in this population. We consider that most of these substances are self - administered (often in overdoses) without merits and that there is contamination of products by hormonal medications considered as doping (KAYSER; BROERS, 2012). Nutritional Supplements were used on a large scale among young German elite athletes (DIETZ et al., 2014).

There is a consensus in the literature that doping use started long time ago and its chemical composition has changed throughout this period. However the aims remain the same: which are the benefits or advantages upon other athletes (MONDWNARD, 2000; LAURE et al., 2004). We understand that the doping control in Olympic sports is an effort for the game's fairness. However, there are other threats that should also be discussed as the lack of prevention programs and ideal

coverage of doping control in non-Olympic sports (POPE et al., 2014). On the other hand, Kayser and Smith (2009) suggest that anti-doping is a problem that may lead the general population to a behavior of underground doping, encouraging hazardous practice as needle sharing for intramuscular injection of those substances. These practices would be a way of exposing a higher number of people to a greater potential harm such as hepatitis B, C and HIV. Also the overall knowledge about doping among junior athletes especially regarding potential negative side effects of doping agents is poor (FÜRHAPTER et al., 2013).

We consider that the findings of the present work sustain the need for specific efforts for monitoring, prevention and control of the use of substances among scholar athletes in big events and competition such as the Survey about doping in the National Youth Scholar Games. In the same proportion that the sport events grow, under a social and economical perspective, it is necessary for the investment also to grow proportionally beyond the sport performance and sport. Remarkably it is necessary to invest in the long run aiming at the Public Health for the elaboration of research and educational programs for the longitudinal follow-up of the youth in sports, so that the prevention and control could lead the youth to a fair and doping-free sport experience.

The results suggest the need to plan health education programs to particularly correct some wrong perceptions that athletes have regarding doping benefits and also create awareness among student-athletes about the side effects of excessive intake of supplements and/or medications. We need to raise public awareness of the serious health consequences of PED. In fact, there is widespread misperception that PED use is safe or that the adverse effects are manageable. However, the adverse health effects of PED use continue understudied and underappreciated.

Acknowledgement

We deeply appreciate the Brazilian Olympic Committee for their support in this study, especially the Board of Doping Control area and Members of the Organization of Youth School Games.

REFERENCES

1. World Anti-Doping Agency [Internet]. Prohibited- List. [Cited in: 2015 dez 10]. Available from: <https://wada-main-prod.s3.amazonaws.com/resources/files/wada-2016-prohibited-list-en.pdf> .
2. World Anti-Doping Agency [Internet]. Laboratory Testing Figures. [Cited in: 2015 nov 3]. Available from: https://wada-main-prod.s3.amazonaws.com/wada_2014_anti-doping-testing-figures_full-report_en.pdf
3. ASSUNÇÃO, L.; SANTOS, J.H. Controle antidoping no Brasil: monitoramento e prática de dopagem. *Pensar a Prática*, v. 15, n. 3, p. 272-550, 2012.
4. KAYSER, B.; MAURON, A.; MIAH, A. Current anti-doping policy: a critical appraisal. *BMC medical Ethics*, v. 8, n. 2, 2007.
5. BAHRKE, M.S.; YESALIS, C.E.; BROWER, K.J. Anabolic-androgenic steroid abuse and performance-enhancing drugs among adolescents. *Child Adolesc Psychiatr Clin N Am.*, v., n. 4, p. 821-38, 1998.
6. NILSSON, S.; BAIGI, A.; MARKLUND, B.; FRIDLUND, B. The prevalence of the use of androgenic anabolic steroids by adolescents in a county side of Sweden. *Eur J Public Health*, v, 11, n. 2, p.195-7, 2001.
7. PAPADOPOULOS, F.C.; SKALKIDIS, I.; PARKKARI, J.; PETRIDOU, E. Doping use among tertiary education students in six developed countries. *Eur J Epidemiol.* v. 21, n. 4, p. 307-313, 2006.
8. CALFEE, R.; FADALE, P. Popular Ergogenic Drugs and Supplements in Young Athletes. *Pediatrics.* v. 117, n. 3, p. 577-89, 2006.
9. SAGOE, D.; MOLDE, H.; ANDREASSEN, C.S.; TORSHEIM, T.; PALLESEN, S. The global epidemiology of anabolic-androgenic steroid use: A meta-analysis and meta-regression analysis. *Ann Epidemiol.* n. 24, p. 383-398, 2014.
10. KAYSER, B.; BROERS, B. The Olympics and harm reduction? *Harm Reduct J.* v. 9, n. 33, p. 1-9, 2012.
11. BARKOUKIS V.; LAZURAS, L.; TSORBATZOUKIS, H. Beliefs about the causes of success in sports and susceptibility for doping use in adolescent athletes. *J Sports Sci.* v. 32, n. 3, p. 212-219, 2014.
12. PITSH, W.; EMRICH, E. The frequency of doping in elite sport: results of a replication study. *Int Rev Social Sport.* v. 47, n. 5, p. 559-80, 2012.
13. BABWAH, T. Pain, injury and related behaviours among footballers partaking in tournaments. *Res Sports Med.* v. 22, n. 4, p. 334-45, 2014.
14. WEBB, M.C.; BECKFORD, S.E. Nutritional knowledge and attitudes of adolescent swimmers in Trinidad and Tobago. *J Nutr Metab.* n. 2014, p. 506434, 2014.

15. WHITAKER, L.; LONG J.; PETRÓCZI, A.; BACKHOUSE, S.H. Using the prototype willingness model to predict doping in sport. *Scand J Med Sci Sports*. v. 24, n. 5, p. 398-405, 2014.
16. DURANT, R.H.; ESCOBEDO, L.G.; HEATH, G.W. Anabolic-steroid use, strength training, and multiple drug use among adolescents in the United States. *Pediatrics*. n. 96, p. 23-28, 1995.
17. LAURE, P.; LECERF, T.; FRISER, A; BINSINGER, C. Drugs, recreational drug use and attitudes towards doping of high school athletes. *Int J Sports Med*. n. 25: 133-38, 2004.
18. ENGELBERG, T.; MOSTON, S.; SKINNER, J. The final frontier of anti-doping: a study of athletes who have committed doping violations. *Sport Management Review*. n. 18, p. 268–279, 2015.
19. ZUCCHETTI, G.; CANDELA, F.; VILLOSIO, C. Psychological and social correlates of doping attitudes among Italian athletes. *Int J Drug Policy*. v. 26, n. 2, p.162-68, 2015.
20. LAURE, P.; BINSINGER, C. Doping prevalence among preadolescent athletes: a 4-year follow-up. *Br J Sports Med*. n. 41, p. 660-63, 2007.
21. MILLER, K.E.; HOFFMAN, J.H.; BARNES, G.M.; SABO, D.; MELNICK. M.J.; FARRELL, M.P. Adolescent Anabolic Steroid Use, Gender, Physical Activity, and Other Problem Behaviors. *Subst Use Misuse*. n. 40, p. 1637-1657, 2005.
22. NETO, F. R. A. O papel do atleta na sociedade e o controle de dopagem no esporte. *Rev Bras Med Esporte*. v.7, n. 4, p.138-148, 2001.
23. PERCÁRIO. S.; DOMINGUES, S.P.; TEIXEIRA, L.F.; VIEIRA, J.L.; VASCONCELOS, F.; CIARROCCHI, D.M. at al. Effect of creatine supplement on oxidative stress profile of athletes. *J Int Soc Sports Nutr*. v. 9, n.1, p. 56, 2012.
24. CARLINI, E.A.; NOTO, A.R.; SANCHES, Z.V.D.M.; CARLINI, C.M.A.; LOCATELLI, D.P.; ABEID, L.R. et al. Levantamento Nacional sobre o Consumo de Drogas Psicotrópicas entre Estudantes do Ensino Fundamental e Médio das Redes Pública e Privada de Ensino nas 27 Capitais Brasileiras [Internet] Brasília: SENAD - Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas CEBRID; 2010 [cited 2014 mar 10]. Available from: <<http://www.obid.senad.gov.br/portais/OBID/biblioteca/documentos/Publicacoes/328890.pdf>>
25. DIEHL. K.; THIEL, A.; ZIPFEL, S.; MAYER, J.; LITAKER, D.; SCHNEIDER. S. How healthy is the behavior of young athletes? A systematic literature review and meta-analyses. *J Sports Sci Med*. n. 11, p. 201-220, 2012.
26. Dietz P, Ulrich R, Nies, A, Best R, Simon P, Striegel H. Prediction profiles for nutritional supplement use among young German elite athletes. *Int J Sport Nutr Exerc Metab*. v. 24, n. 6, p. 623-31, 2014.
27. Mondwnard, J. *Dopage: l'imposture des performances*. Paris: Chiron, 2000.

28. POPE, H.G. Jr.; Wood, R.I.; ROGOL, A.; NYBERG, F.; BOWERS, L.; BHASIN, S. Adverse Health consequences of performance-enhancing drugs: an endocrine society scientific statement. *Endocr Rev.* v, 35, n. 3, p. 341-75, 2014.
29. KAYSER, B.; SMITH, A.C.T. Globalization of anti-doping: the reverse of the medal. *BMJ.* v. 337, n. 7661, p. 85–87, 2008.
30. Fürhapter C, Blank C, Leichtfried V, Mair-Raggautz M, Müller D, Schobersberger W. Evaluation of West-Austrian junior athletes' knowledge regarding doping in sports. *Wien Klin Wochenschr.* v. 125, n.1-2, p.41-9, 2013.

2 ARTIGO 2 - A COBERTURA ESPORTIVA DOS JOGOS OLÍMPICOS DE LONDRES 2012: A TEMATIZAÇÃO DO DOPING NO PORTAL DE NOTÍCIAS G16

Paulo Rodrigo Pedroso daSilva, Carlos Henrique Ribeiro de Vasconcellos,
Lamartine Pereira da Costa

RESUMO

O doping no esporte gera questões de interesse constante na mídia, sobretudo durante a realização de Jogos Olímpicos (JO). Especialmente nos casos de doping envolvendo os grandes nomes do esporte olímpico internacional, como Ben Johnson nos JO de Seul 1988 e Marion Jones em Sidney 2000, os quais arruinaram suas reputações da noite para o dia. O objetivo deste trabalho é investigar as notícias online a respeito de doping publicadas durante os Jogos Olímpicos de Londres 2012 (JOL) em um grande portal de notícias brasileiro o G1. Para isto, foi selecionado e classificado o conteúdo de todo o material publicado com as palavras-chave: doping e jogos olímpicos de Londres, durante o período de 25 de julho a 13 de agosto de 2012. Verificamos um total de 191 reportagens das quais foram incluídas na análise 145, 54 delas foram encontradas no Extra Online, seguidas de 37 no site do Globo Esporte, 23 no site do G1, 22 no Jornal O Globo e nove na Revista Época. Em cima deste material os pesquisadores realizaram uma leitura em profundidade centrada na análise de conteúdo. Os resultados desta análise indicaram duas categorias de consenso: a) as desconfianças em torno do desempenho dos atletas; b) as punições destinadas aos atletas com exames positivos. Os conteúdos analisados nesse portal apresentam os atletas com o doping positivo como trapaceiros e a Agência Mundial Antidoping (AMA) como uma espécie de polícia internacional que está em permanente guerra contra o doping. Tal fato parece semelhante com a guerra às drogas, em vigília constante sobre os resultados esportivos individuais dos atletas.

Palavras-chave: Doping. Esportes. Imprensa. Atleta.

THE MEDIA COVERAGE ABOUT DOPING IN LONDON 2012 OLYMPIC GAMES: THE CASE OF G1 WEBSITE

ABSTRACT

⁶ Artigo original publicado na Revista Brasileira de Educação Física e Esportes Disponível em: < http://www.scielo.br/pdf/rbefe/v27n3/aop_1813.pdf >. Acesso em: 18 de out. 2016

The issues about doping are frequently in media, mainly during sports mega events such as Olympic Games. Famous athletes like Ben Johnson (Seoul 1988) and Marion Jones (SIDNEY 2000) were banished by sports organizations, and their career had declined forever. This research aims to study news about doping in an important Brazilian news website during London 2012 Olympic Games, named G1. In so doing that, all the news were selected and categorized from July 25 to August 13 2012 by the following key words: doping and London 2012 Olympic Games. 191 news were studied, but only 145 were exclusive related to Olympic Games. 54 were found in the website newspaper called "Extra Online", 37 in "Globo Esporte", 23 in "G1", 22 in "O Globo" and nine in "Época" magazine. The theoretical reference chosen to read news carefully and deeply was the Content Analysis. Two categories emerged from analysis: a) the doubts about the high sport performance of some athletes; b) the necessary punishments to "positive athlete exams". The conclusions point out that media treats athletes like cheaters. It also identifies World Antidoping Agency (WADA) as an "international police" in a permanent fight against doping. This kind of thoughts is very similar to war against drugs, and it makes all the efforts to control athletes and their performances.

Key words: Doping. Sports. Press. Athletes.

INTRODUÇÃO

Circulam pelos meios de comunicação conteúdos diversos sobre o uso de substâncias proibidas com a finalidade de melhorar o rendimento atlético (doping)⁷, fazendo com que esta temática esteja sempre na pauta midiática, tendo maior ou menor destaque, dependendo do atleta que foi pego (teste positivo), da importância no meio esportivo, da capacidade de causar impacto e reverberar esta notícia por alguns dias (WHANNEL, 2002).

As notícias de doping variam desde a culpabilização exclusiva do atleta até o apontamento de que o sistema no qual este indivíduo é inserido está contaminado, se enfatiza ainda que o atleta é um problema da própria estrutura esportiva na medida em que esta se profissionalizou (MALULY, 2007; MEDEIROS & SANTOS, 2008; SOUZA, 2008).

⁷ (A1) Possession by an Athlete of a Prohibited Substance or a Prohibited Method, unless the Athlete establishes that the Possession is pursuant to a therapeutic use exemption ("TUE") granted in accordance with Article 3.2 (Therapeutic Use) or other acceptable justification. Em tradução livre: Posse de substância proibida pelo atleta ou um método proibido, exceções aos casos de uso terapêutico em conformidade ao artigo 3.2 do presente Código ou uma justificativa aceitável. Disponível em: < http://www.wada-ama.org/Documents/News_Center/News/2011/IOC_Anti-Doping_Rules_London_2012_EN.pdf>. Acesso em: 17 dez. 2012.

Quando algum atleta de elite é flagrado, por exemplo, em um teste positivo de doping, há em consequência disto uma interpretação dos órgãos controladores de que as tomadas de decisão devem ser vistas como única e exclusivamente individuais (atleta), não levando em conta as redes entre atletas, técnicos, dirigentes, médicos, familiares e patrocinadores (KAYSER & BROERS, 2012).

Na complexidade destas questões é que situamos o nosso campo de estudos, em conteúdos que por diversas vezes são tratados pelos meios de comunicação de forma simplista, *grosso modo*, e de maneira a cogitar que tudo é uma questão (moralista) de “estar limpo” ou contaminado, ou como conceituou a antropóloga Mary Douglas (apud PERERA; GLEYSE, 2005) de estar puro ou impuro, dividindo aqueles que merecem nossa admiração e aqueles que apenas representam a vergonha.

Independente das questões que cercam as escolhas individuais ou da permissividade coletiva nos interessa investigar como a mídia brasileira aborda esta temática durante a realização dos Jogos Olímpicos de Londres 2012. Para tanto nós focamos em portais eletrônicos de informação, nos meios de comunicação que durante a realização dos jogos alimentaram o grande público com conteúdos relacionados a este assunto. Optamos pelo portal eletrônico ao jornal impresso, visto que entre um e o outro, muitas matérias são reduzidas ou ainda nem são colocadas na pauta por uma questão de espaço.

Levando em consideração a obra clássica de Wolf (1995) os estudos *mass media* atendem as diversas dimensões e ressaltam a importância de problematizar questões ligadas ao setor industrial específico (ex. Jogos Olímpicos), além de fazer parte do cotidiano das pessoas que investem parte de seu tempo consumindo estes produtos.

A construção da realidade na qual se quer compreender está pautada na ideia geral de que os confrontos, os interesses e as ideologias se sobrepõem, fazendo desta área de estudo um mosaico de teorias, metodologias e análises na construção do objeto na perspectiva dos “*cultural studies*”, ou seja, que está relacionado ao conceito de cultura que aqui estão pautados sobre:

[...] os significados e os valores, que surgem e se difundem nas classes e nos grupos sociais, quer as práticas efectivas através das quais esses valores e esses significados se exprimem e nas quais estão contidos. Relativamente a tais definições e modos de vida - entendidos como estruturas colectivas - os mass media desempenham uma função

importante, na medida em que agem como elementos activos dessas mesmas estruturas (WOLF, 1995, p. 107).

Além disto, desejamos compreender como estes conteúdos ganham espaço na mídia e como as questões de doping na nossa sociedade ganham relevância, mesmo que tratados de forma ágil para informar antes da concorrência. É provável que este perfil de profissionais do jornalismo redija suas matérias para o grande público procurando repercutir de forma polêmica seu material, sobretudo se a matéria redigida é sobre o rendimento de um atleta de grande visibilidade. Inferimos que independente da mídia ser impressa ou virtual, ainda assim é mídia e como tal opera com elementos dicotômicos e simplistas, facilmente identificados pelos seus leitores rotineiros (TANNEN, 1998).

Sendo assim, o objetivo desta pesquisa será analisar os conteúdos sobre doping publicado no portal de notícias G1 durante a realização os JOL. A partir da problematização descrita acima, queremos investigar como o portal de notícias G1 tratou, na cobertura jornalística, a questão do doping durante a realização dos Jogos Olímpicos de Londres 2012.

METODOLOGIA DA CONSTITUIÇÃO DO *CORPUS* DE ANÁLISE

A coleta de material para a nossa pesquisa se deu durante o Calendário Olímpico e a realização dos Jogos Olímpicos de Londres, período compreendido entre os dias 25 de julho a 13 de agosto de 2012. Na primeira parte foi feita uma busca dentro do G1. Escolhemos este portal de informações, pois é nele que se concentram as notícias vinculadas conteúdos jornalísticos de grande visibilidade e audiência. Segundo dados do Alexa Internet ⁸ (serviços de internet pertencente à Amazon que é capaz de medir quantos usuários visitam um site específico) este portal ocupa a sétima posição de acesso no Brasil, atrás apenas do Facebook, Google Brasil, Google, YouTube, Universo Online e Windows Live. Em relação ao público do G1, a maioria dos leitores é composta de homens na faixa etária de 25 a 34 anos que possuem formação de nível superior ou acima e que acessam este portal normalmente do ambiente de trabalho.

⁸ ALEXA. The Web Information Company. Disponível em: < <http://www.alexa.com>>. Acesso em: 13 de dez. 2012

Procuramos por notícias que continham as seguintes palavras-chave: doping e jogos olímpicos de Londres 2012. Em um segundo momento foi realizada uma leitura abrangente de todas as matérias encontradas. Analisando todos os títulos e subtítulos e os conteúdos em busca das “palavras-chave” pesquisadas dentro do contexto dos Jogos Olímpicos de Londres.

Foram encontradas no período entre os dias 25 de julho e 13 de agosto o total de 191 reportagens no G1. Destas reportagens foram excluídas inicialmente 46, pois tratavam de notícias sobre doping em competições esportivas fora do escopo dessa pesquisa, por exemplo: o evento de lutas UFC e o campeonato brasileiro de futebol de 2012.

Das 145 reportagens incluídas, 54 foram encontradas no Extra Online, 37 no site do Globo Esporte, 23 no site do G1, 22 no Jornal O Globo e nove na Revista Época.

Na etapa seguinte realizamos uma leitura em profundidade de todas as matérias (145) com o propósito de selecionar, classificar e agrupar as informações em um quadro. Com as palavras-chave: nos seguintes pontos: a) data; b) site; c) título; b) citações do doping; c) atletas citados; d) esportes citados; e) substâncias referidas; f) desfecho g) link. Essa observação consistiu em verificar o frequente uso das seguintes palavras: a) esporte, b) antidoping, c) doping, d) substâncias proibidas, e) atletas, f) Jogos Olímpicos, g) olimpíadas, h) trapaceiros, i) banido (a); j) suspeita; expulso (a).

Em um quarto momento os pesquisadores realizaram a análise temática adotada para o campo da saúde coletiva, centrada na análise de conteúdo de Laurence Bardin de 1970 (MINAYO, 2008). Será esse procedimento que utilizaremos a seguir, buscando atingir os significados no que está escrito, mapeado ou simbolicamente explicitado nos conteúdos manifestos e/ou latentes nos textos selecionados. Buscamos neste contexto compreender como são reproduzidas as ideias, as intencionalidades sobre uma temática transformada em notícias cotidianas, pautadas por um portal de notícias online, o que mantém em seu conteúdo, quais são vozes que são captadas na diversidade de opiniões, comentários e impressões.

Tal compreensão reforça a ideia central de que não há um único projeto editorial, mesmo que investiguemos este único portal. O que está posto a partir das próximas páginas é mostrar esta interdiscursividade, esta polifonia (BORELLI, 2002).

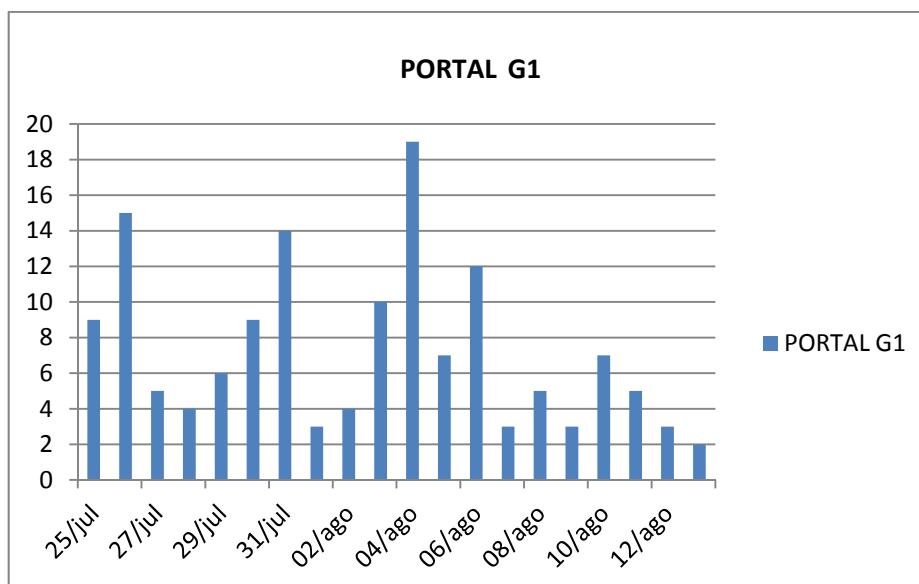
As unidades de contexto que foram reunidas se formaram a partir do aprofundamento das matérias. A partir deste momento percebemos que existiam duas grandes formas que se constituíram nossas análises. A primeira estava relacionada ao fato de um atleta ter sido pego pelo teste anti-doping. Ou seja, nossa primeira categoria se formou a partir das análises dos atletas que foram expulsos, que as delegações tiveram que se pronunciar ou ainda dos órgãos de controle se posicionado sobre o resultado do teste.

A segunda categoria de análise foi sendo reunida a partir das unidades de registro que continham a marca da explicação, da dúvida, da desconfiança sobre determinado resultado de um atleta. Dependendo da nacionalidade, gênero, esporte, fama e ainda do resultado feito, das desconfianças que estavam marcadas nos conteúdos das reportagens.

ANÁLISE DOS RESULTADOS

Inicialmente abordaremos as frequências com o objetivo de trazer uma visão abrangente dos achados da primeira parte. Em relação à quantidade de reportagens produzidas pelo portal G1 sobre a temática do doping nos Jogos Olímpicos de Londres 2012 por dia, verificamos o maior volume no dia de 04 de agosto de 2012. Veja no Gráfico1.

Gráfico 1 - Número total de matérias publicadas por dia sobre doping segundo o portal G1 entre os dias 25/07/12 e 13/08/12



Outro dado relevante nesta pesquisa online foi relativo aos títulos das reportagens que em grande parte apresentaram o uso exagerado de determinadas expressões de apelo emocional, como: exclusão, expulsão, eliminado, banimento, “flagra”. Na leitura destas expressões verificamos na informação o compromisso de transmitir aos leitores a eficiência e rapidez de um sistema antidoping infalível nos Jogos Olímpicos de Londres. Por exemplo: **Londres 2012: COI confirma exclusão de atleta da Albânia por doping** (EXTRA, 2012); **Velocista são-cristovense é eliminada por admitir uso de droga** (EXTRA, 2012); **Corredor marroquino Laalou é flagrado no doping** (O GLOBO, 2012); **Ciclista russa é expulsa dos Jogos Olímpicos de Londres por doping** (GLOBO ESPORTE, 2012); **Italiano campeão olímpico de marcha é excluído da Olimpíada por doping** (EXTRA, 2012); **Corredora síria é 11 a atleta banida dos Jogos por doping** (EXTRA, 2012).

Verificamos ainda que há nos títulos a intenção de mostrar que o doping per si não pode prejudicar o espetáculo esportivo e que cada caso de doping tende a prejudicar a imagem geral do megaevento. O doping, portanto, teria a capacidade de manchar este grande espetáculo, fazendo disto uma notícia maior até mesmo do que o espetáculo em si? Por exemplo: **Londres tem terceiro caso de doping em dois dias** (G1, 2012); **laaf confirma nove punições por doping às vésperas das Olimpíadas** (GLOBO ESPORTE, 2012).

Em nossa análise seguinte dividimos as reportagens em duas grandes categorias, a saber, a primeira é composta de reportagens que tratam dos casos de doping individualmente, são as reportagens que tratam dos casos confirmados, dos atletas “pegos” pelos exames e daqueles casos dos atletas famosos com seus desempenhos duvidosos, que por terem tido destaque em suas competições, acabaram sofrendo pressões de discursos desconfiados.

A segunda, análise identificou que a atitude repressiva, tende a criar polêmicas em torno dos casos considerados “positivos” para testes de doping. Neste momento é dado destaque às autoridades esportivas e aos que falam do lugar social de especialistas no assunto, tais como comentaristas, técnicos e ex-atletas. Nestas reportagens compreendemos que o caráter policialesco toma forma e as instâncias de controle precisam ser ouvidas para confirmar, discutir e banir a partir de uma política de “tolerância zero” quanto ao uso destas substâncias.

a) Recordes e desconfianças: ele (a) realmente fez isso?

Uma espécie de gatilho é acionada para a produção de conteúdo e opinião na mídia de plantão (ex. jornalistas, comentaristas e especialistas) quando os atletas olímpicos apresentam resultados extraordinários e recordes. Sobretudo, os resultados que levantam dúvidas quanto à integridade dos atletas que por alguma razão ganharam espaço e notoriedade rapidamente em um evento de magnitude olímpica.

Especialmente os atletas provenientes dos esportes individuais, que fazem o espetáculo esportivo mais impactante na mídia. Diferentes dos esportes coletivos, os esportes individuais permitem que a relação entre o esporte tomado como pauta pela mídia seja diretamente relacionada com o melhor atleta da modalidade. Além disso, sem um ídolo, um ícone capaz de chamar a atenção de público e consequentemente de patrocinadores, um esporte não se desenvolve (HELAL, 2000).

Os maiores destaques das reportagens estudadas foram os atletas que se consagraram nos JOL, mas há de se destacar que em grande maioria das matérias estudadas vinham junto com *porens*, ou seja, a visibilidade dada era feita com ressalvas, até que algo fosse provado contra este (a) atleta (G1, 2012)⁹.

Somente a nadadora chinesa Ye Shiwen de 16 anos de idade recebeu a atenção em nove matérias. Se somarmos as quatro relacionadas ao velocista Usain Bolt teremos 13 só sobre estes atletas que individualmente conseguiram feitos importantes para suas carreiras e para os países que representaram. Contudo, seus desempenhos foram tomados com ressalvas. Por exemplo, ao mesmo tempo em que surpreendem as matérias jornalísticas apoiadas em depoimentos de treinadores e comentários esportivos, elas passavam a questionar os resultados, gerando assim dúvidas sobre a capacidade destes atletas. Conseguir nadar mais rápido que um homem no mesmo tipo de prova, como no caso da nadadora chinesa, ou de sagrar-se bicampeão em duas provas de velocidade, como no caso do atleta jamaicano, se

⁹ Cf. <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2012/07/suspeita-de-doping-de-nadadora-causa-indignacao-na-china.html>.

transformou em algo espetacular, porém duvidoso. Seleccionamos abaixo os seguintes trechos para exemplificar essa análise:

Isso é realmente injusto e sem fundamento, disse Liu. **Há indivíduos e jornalistas que estão acusando, sem fundamento, os nossos atletas chineses.** Essas pessoas deveriam respeitar a dignidade e reputação dos esportistas (G1, 2012)¹⁰.

O jamaicano disse que fica longe de drogas e suplementos alimentares para evitar qualquer problema nesse sentido. “Eu estou ciente que, se houvesse algum escândalo de drogas me envolvendo, seria o fim do atletismo”. Isso não irá acontecer”, afirmou. Bolt está ciente da sua responsabilidade por recuperar a credibilidade da prova, presente desde a Olimpíada de 1896, a primeira da era moderna. E a confirmação do seu reinado em Londres serve para confirmar de vez essa nova era. **Antes de Bolt, os 100 metros rasos haviam se tornado um sinônimo de doping** (REVISTA ÉPOCA, 2012).

A desconfiança precede a glória do atleta, mesmo que imediatamente após a competição sejam feitos controles de doping. Neste sentido, contribui bastante o fato de que o material recolhido destes atletas deve ficar armazenado por pelo menos 8 anos, tal como no caso do ciclista Tyler Hamilton¹¹. Estamos diante da compreensão de que o limite humano para a conquista de novos recordes está se aproximando daquilo que é ou não eternamente legítimo. Dentro desta colocação seria possível aventarmos que as “vitórias” -desempenho formidável e controle de doping negativo- do atleta de hoje poderão ser as “derrotas” -perda de medalha e controle de doping positivo- do amanhã.

Neste sentido, o esporte espetáculo deverá se apoiar em julgamentos não mais nas habilidades e no bom senso dos humanos que interpretam o vencedor, mas nas máquinas que comprovarão qual o tempo real do atleta, quem de fato chegará primeiro ou ainda, quem estava ou estará realmente limpo. A desconfiança tomará conta da torcida até que se prove o contrário.

Assim como todo e qualquer elemento que ajude a mídia a produzir notícias sobre determinado esporte, tais como os maiôs da natação, a possibilidade de desconfiar e de imputar no esporte profissional que algo está por detrás dos verdadeiros fatos é enfim uma narrativa interessante que pode lançar uma polêmica, um fato, uma narrativa. (LOVISOLO, 2002b). Ora, há uma sugestão de que algo obscuro, sujo e quase incompreensível macula, mancha e suja o esporte, um

¹⁰ Cf. <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2012/08/londres-se-despede-dos-jogos-eua-lideram-nas-medalhas.html>

¹¹ Cf. <http://extra.globo.com/esporte/ciclista-hamilton-perde-ouro-de-atenas-por-doping-8-anos-depois-5756263.html#ixzz28IA5vV5A>

esporte que visto a partir da ótica profissional é corrompido pelo dinheiro e não mais pelas glórias da vitória e da conquista do amadorismo.

Conforme Perera e Gleyse (2005) em seus estudos sobre as categorias de análise de puro, impuro e segredo definida a partir da obra de Douglas de 1967 a compreensão sobre o segredo é:

O segredo constitui um terceiro aspecto a ser considerado para apreender o movimento contraditório do “tudo ou nada”, do “puro ou impuro”. Efetivamente, impuro é muitas vezes associado, no que concerne ao doping, à noção de segredo. Ele oculta possivelmente o impuro dando-lhe a aparência inversa, mas o segredo pode também, como o veremos, transformar o puro em impuro. (PERERA; GLEYSE, 2005).

Alem disso, a ideia de que as notícias tomam a forma de um *vortex* como analisou Whannel (2002) nos serve para explicitar que os acontecimentos ao se tornarem notícias ganham dimensões espirais e conseqüentemente crescentes na medida em que o que se fará ao longo do tempo é confirmar ou não algo que precisa ser novamente noticiado, com direito a novas opiniões, depoimentos até se chegar ao atleta. Em nossas análises percebemos que as reportagens sobre as desconfianças quanto ao desempenho dos (as) atletas tendem a ser fartamente consideradas, mas que de fato nada provam. Ainda.

É só uma questão de tempo e de “vontades”, para sabermos onde tudo isto vai dar. Há de se esperar a criação e uso de novas tecnologias controladoras para manchar a reputação de mais gente. Ocasionadas por um ambiente de ampla desconfiança que precede estas conquistas divulgadas pela mídia que nos faz duvidar que para além da carga genética, das condições de treinamento e de que “todos” os esforços dos atletas não existam de fato grandes atuações que abalem o mundo por seus resultados. E as imensas pressões de todo um ambiente (ex. nações, patrocinadores, economia) para conquistar estes resultados. Este todo ao qual nos referimos é um investimento coletivo no atleta ele não é a tentação, a pílula mágica, ou remédio dos sonhos que é apenas a ponta deste iceberg que macula e destrói as carreiras e reputações dos mais fracos desta engrenagem esportiva.

b) Guerra contra as drogas: vigiar e punir

Nesse estudo identificamos uma maneira recorrente de tratar o conteúdo das reportagens, nas questões envolvendo o uso de doping nos Jogos Olímpicos de

Londres 2012, que se assemelha ao que os aparelhos de controle e repressão do Estado fazem quanto à forma de se tratar o uso de substâncias ilícitas pela sociedade. Como é o caso da guerra às drogas que se estendeu para outros campos sociais, entre eles o esporte. Desde a criação das esferas de controle que visam proibir o uso de substâncias e punir quem desrespeita tais regras percebemos que estas organizações que têm a WADA¹² como sua organização principal, acabam por repetir os mesmos procedimentos e as mesmas formas de compreender estas situações, uma delas é vigiar e punir, ou seja, pegando emprestado o título do livro de Foucault (1997), inferimos que as organizações esportivas repetem de forma consciente e deliberada a questão policialesca, fortalecendo a ideia de que há apenas uma forma de se tratar deste assunto: proibindo e punindo de forma exemplar.

A WADA está determinada a eliminar das competições todos aqueles atletas que ousarem infringir o Código Mundial Antidoping pela utilização de substâncias ou métodos proibidos para aumentar o desempenho no esporte. Esta proibição tende a ser encarada como uma guerra declarada, em que o “flagelo” deve ser combatido (FIORE, 2012; LOLAND, 2002; SIMON, 1991).

O “*war on drugs*” se estende para “*war on doping*” (KAYSER & BROERS, 2012). Ou seja, palavras como “combate”, “manchar”, “punido”, “trapaceiros” e expressões tais como “guerra às drogas”, “mal do esporte”, “vencer a qualquer custo” fazem parte do vocabulário do conteúdo destas notícias. A própria palavra usada em nossa língua para os casos de atletas que tem seus resultados dados como positivos demonstra que a questão é de cima para baixo, de controle, quase governamental. Ser “pego” num exame antidoping é tomado como uma forma pública de vergonha. Não obstante, a primeira ação do Comitê Olímpico do país do atleta envolvido se antecipa ao Comitê Olímpico Internacional (COI) e o expulsa da Vila Olímpica imediatamente, assim que um exame confirma o resultado de doping (EXTRA, 2012).

Além disso, existe também associado à questão de combate ao doping uma impressão de que isto acontece corriqueiramente, mas apenas alguns poucos afortunados é que tem sido “pegos” no volume cada vez maior de testes realizados

¹² Foi concebida em 10 de novembro de 1999 a Agência Mundial de Antidoping AMA ou WADA (sigla em inglês), órgão regulador dos esportes olímpicos. Esta agência tem como objetivo principal liderar uma campanha global para que o esporte seja praticado livre do doping. WORLD ANTIDOPING AGENCY. Disponível em:< <http://wada-ama.org/>>. Acessado em 17 de dezembro de 2012.

em JO (KAYSER & BROERS, 2012). Para se ter ideia do aumento crescente do controle (repressão) sobre os atletas sabemos que nos JO de Atenas (2004) foram coletados 3600 testes. Nos JO de Beijing (2008) o número saltou para 4500. E em Londres (2012) mais de 5000 testes foram realizados (3.800 de urina e 1200 de sangue) durante os jogos e mais 4.000 foram realizados antes de seu início (cerca de um mês antes), monitorando previamente o uso de substâncias por atletas que representaram seus países nos JOL¹³. Ao longo dos anos aumentam os investimentos em controles de doping, porém o número de “atletas positivos” ainda permanece no mesmo patamar (KAYSER et al., 2007).

Por isso a questão é tomada com sentidos de “gravidade”, urgência, dando a impressão de que aqueles que utilizam doping são em número muito maior do que os 11 casos dos referidos JOL (KAYSER & BROERS, 2012).

Abaixo selecionamos trechos reportagens analisados em seguida:

Faxineiros e funcionários de segurança da Vila Olímpica foram instruídos a **espionar atletas como parte dos esforços para combater o doping nos Jogos 2012**, segundo informações do jornal britânico The Independent. A ideia, segundo o jornal, é que os faxineiros ou seguranças relatem às autoridades toda vez que encontrarem remédios, comprimidos, equipamento intravenosos ou outros itens suspeitos nas habitações de atletas (G1, 2012).

Victor Conte, proprietário do ex-laboratório Balco e culpado em um escândalo global de uso de esteroides, **disse nesta quinta-feira que o programa de testes antidoping da Olimpíada 2012 é irrelevante** (EXTRA, 2012).

O combate ao doping na véspera da Olimpíada de Londres tem sido bem-sucedido, já que nos últimos meses os testes flagraram mais de 100 atletas usando drogas que melhoram o desempenho, disse o presidente do Comitê Olímpico Internacional (COI), Jacques Rogge, nesta sexta-feira. Horas antes da cerimônia de abertura dos Jogos 2012, Rogge afirmou que os esforços do COI para ter uma Olimpíada limpa estão dando frutos (EXTRA, 2012).

As matérias se assemelham com a pesquisa de Medeiros e Santos (2008) em relação ao discurso midiático de que a existência de um esporte “limpo” é coisa do passado e o que se espera é que sejam aperfeiçoados os mecanismos de controle de detecção e de um código de ética eficiente que seja capaz de punir e a partir destas punições seja inibido o uso destas substâncias pelos demais.

¹³ Cf. Disponível em: < <http://www.olympic.org/london-2012-news>>. Acesso em: 13 de dez. 2012.

Não há mais amadores apaixonados pelo que fazem, existem sim profissionais bem pagos que estão segundo a nossa interpretação a pagar o preço necessário para alcançar o lugar mais alto no pódio.

Diferente dos estudos sobre doping na mídia que focam em usuários que frequentam academias de ginástica, utilizando as chamadas “bombas” e que tem como referências os danos à saúde dos indivíduos, as matérias jornalísticas no período olímpico coletado focam claramente na questão da vitória a qualquer custo, ou seja, na personificação daquele atleta que usa o doping e que esta preocupado em burlar uma regra e acaba conseqüentemente sujando seu nome, seu país e seu esporte (MALULY, 2007).

É provável que os escassos resultados de doping encontrados nos JOL sejam fruto dos poucos atletas desavisados mais vulneráveis por questões estruturais (ex. carência de apoio médico e laboratorial, má-orientação, o uso de substância ou método ultrapassado). Aqueles que conseqüentemente acabaram expostos às sanções dos seus resultados positivos. Outra possibilidade que não pode ser descartada esta relacionada aos problemas causados pelos testes que dão resultados “falso-positivos” (KAYSER & BROERS, 2012).

Apesar dos esforços dispendidos na tentativa de controlar o doping e possibilitar o “equilíbrio” de condições entre os atletas, existem ainda muitas outras maneiras de desequilibrar o jogo que são amplamente praticadas pelos atletas de mais recursos (pouco questionadas até o momento). Por exemplo: formas de treinamento como o estímulo elétrico muscular (adaptadas de materiais para uso espacial), as simulações do treinamento de altitude (com câmeras hiperbáricas), ou o uso de tênis que contém alta tecnologia para sua fabricação expõem o quanto são injustas e desequilibradas as diferenças entre atletas que podem ou não ter condições ideais de treinamento acesso a essas facilidades. Além disso, há o conhecido doping genético que é ainda difícil de detectar. Estes exemplos de desigualdade tecnológica e econômica entre os atletas tornam o *fair play* tão almejado pelas organizações esportivas do mundo no mínimo discutível (KAYSER et al., 2007).

CONCLUSÕES

Consideramos que as narrativas encontradas no conteúdo midiático pesquisado se aproximam das falas encontradas nas entidades e autoridades que controlaram antidoping no esporte olímpico.

Ao aprofundarmos nossas análises nas reportagens feitas durante os Jogos Olímpicos de Londres 2012 observamos que as reportagens criavam um tom condenatório, focado inicialmente na figura pessoal do atleta, posteriormente na modalidade esportiva (casos de modalidades que estão associadas ao uso frequente de doping como o atletismo e o ciclismo) e por último e não menos importante no país no qual este atleta representa (tais como organizações esportivas de países que parecem negligenciar o estado geral de saúde de seus atletas).

Compreendemos que quanto mais grandioso for o recorde, a conquista realizada, maior será a possibilidade deste (a) atleta ser questionado (a), até mesmo com perguntas relacionadas à temática do doping, mesmo que seu nome, sua trajetória esportiva não tenham tido até o momento nenhuma relação com este assunto. Citamos como exemplo às questões feitas por uma revista de grande circulação semanal que entrevistou o atleta Usain Bolt¹⁴ (VEJA, 2012).

O estudo constatou que há a ausência de discussões sobre o uso de substâncias proibidas nas questões relacionadas à saúde dos atletas tanto no momento presente quanto no futuro. Focam-se no “flagrante”, na desconfiança e no ceticismo relacionando o rendimento dos atletas ao provável uso de substâncias e métodos indetectáveis que ainda é claro não foram descobertos. Culpabilizar o atleta tem sido o caminho mais fácil encontrado pelos meios de comunicação para demonstrar o problema. É claro que o atleta deve ser responsável pelo seu corpo e que em última instância precisa saber tudo o que ingere. Porém existe nesse meio esportivo outros corresponsáveis - treinadores, equipes médicas e donos de laboratório- que também deveriam contrair esse ônus do doping ao prescrever ou orientar o uso de medicamentos, de suplementos (produtos contaminados) e de outras práticas proibidas (ex. doping genético) de forma intencional ou não. Mostramos em nossa investigação que a visão estreita e simplista pode não

¹⁴ Em sua entrevista dada ao periódico semanal Veja, o atleta Usain Bolt respondeu a três perguntas diretas sobre o uso de drogas e uma indireta: a primeira sobre a questão do doping no atletismo jamaicano, a segunda sobre sua opinião sobre o ciclista Lance Armstrong (banido do esporte) e a terceira relacionada sobre sua capacidade de perceber se algum de seus adversários estaria usando substância proibidas. A quarta pergunta está relacionada ao fato de que a ingestão de certos alimentos presentes nos hábitos alimentares seriam possíveis de oferecer melhores rendimentos esportivos (VEJA, 2012).

contribuir para as redes de interesse e de controle que se estabelecem no esporte de alto nível; sobretudo, das federações, dos técnicos, das equipes médicas e porque não dos órgãos de controle quando distribuem seus comunicados dizendo que não há nada *contra* determinado atleta.

Aliás, discussões na mídia sobre a Redução de Danos (KAYSER & BROERS, 2012) mesmo que ainda raras, por vezes são debatidas na questão dos usuários de drogas parecem ser praticamente fora de discussão quando entram no campo esportivo, visto que o atleta esportivo está em outra categoria de aceitação, aquela que se aproxima do *role model*, do ídolo, tal como visto em Helal (2000).

Seria o atleta pego um trapaceiro, uma pessoa que deve ser punida e que diferente do usuário de anabolizantes de academia (SILVA et al., 2007) não faz o uso de anabólicos (doping) em prejuízo próprio, mas em prejuízo dos outros que estão na mesma competição, buscando atingir a vitória e o recorde? Porque o atleta se transformaria em um trapaceiro e deixaria o *fair play* como uma idealização distante do fato concreto?

Por qual razão, as marcas que duram há muito tempo tendem a ser tratadas com mais ceticismo e os atletas que conseguem tais feitos tendem a entrar no radar da mídia numa mistura entre glorificação por seus feitos e desconfiança pelo que realizam?

Porque não existem atletas que possam atualmente alcançar os recordes do passado? Fica aqui uma série de questionamentos, suspeita de que tais marcas só podem ter sido obtidas com a ajuda de substâncias proibidas.

Contra a corrente da evolução técnica, alguns recordes expressivos - principalmente no atletismo - permanecem intocáveis por décadas. Casos, por exemplo, dos 100m rasos feminino, cravados em 10,54s em 1988 pela americana Florence Griffith-Joyner e jamais superados, e dos 400m rasos, em 43,18s, de Michael Johnson (1999). Nos saltos, então, a maioria dos recordes parece inalcançável: no salto com vara, ninguém chega perto dos 6,14m do ucraniano Sergey Bubka, de 1994, e a russa Yelena Isinbayeva é a única a superar os 5m no feminino. No salto em altura, o cubano Javier Sotomayor desde 1993 é o recordista, com 2,45 m. - Hoje, o controle sobre os atletas é maior, há a questão do doping. Só se aparecesse um Bolt no salto — avalia o técnico de saltos Alexandre Coelho (EXTRA, 2012).

Estudos futuros podem contribuir para a discussão do doping esportivo para além dos tons de repressão, controle, desconfianças, para uma abordagem mais argumentativa com enfoque na saúde coletiva e nos processos de tomadas de decisões individuais do atleta sobre o seu próprio corpo.

Portanto, a pergunta final que pode ser feita é: estamos de fato sendo pautados pela mistura entre admiração e desconfiança quando assistimos os melhores atletas do mundo atuando em JO?

REFERÊNCIAS

- BORELLI, V. O esporte como uma construção específica no campo jornalístico. In: CONGRESSO ANUAL EM CIÊNCIA DA COMUNICAÇÃO, 25, 2002, Salvador/BA. *Anais...* Salvador: INTERCOM, 2002.
- IORE, M. O lugar do estado na questão da droga: o paradigma proibicionista e as alternativas. *Revista Novos Estudos*, n. 92, março 2012.
- FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis. Ed. Vozes, 1987.
- HELAL, R. *Campo dos sonhos: esporte e identidade cultural. Comunicação, Movimento e Mídia na Educação Física*, Santa Maria /Rio de Janeiro/ Rio Grande do Sul, v. 3, p.70-81, 2000.
- KAYSER, B.; MAURON, A.; MIAH, A. Current anti-doping policy: a critical appraisal. *BMC Medical Ethics*, 2007. Disponível <[HTTP://biomedcentral.com/1472-6939/8/2](http://biomedcentral.com/1472-6939/8/2)>. Acesso em:: 25 fev 2011.
- KAYSER, B.; BROERS, B. The Olympics and harm reduction? *Harm Reduction Journal*, 2012. Disponível em <http://www.harmreductionjournal.com/content/9/1/33>. . Acesso em:: 07 de dezembro de 2012.
- LAURE, P. *Histoire du dopage et des conduites dopantes: les alchimistes de l'apformance*. Elipse, 2004.
- LOLAND, S. *Fair play in sport: a moral norm system*. London: Routledge; 2002.
- LOVISOLO, H. Mídia, lazer e tédio. *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, São Paulo, v. XXV, n. 2. jul/dez. de 2002b.
- MALULY, L. O doping e a cobertura jornalística no Brasil. In: MARQUES, J. C. (Org.). *Comunicação e esporte: diálogos possíveis*. São Paulo: *Artcolor*, v.1, p. 136-149, 2007.
- MEDEIROS, A.; SANTOS, D. O doping no discurso midiático. *Motrivivência*, Ano XX, n. 31, dezembro 2008.
- MINAYO, M.C. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 2. ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Ed. Hucitec-Abrasco, 2008.
- PERERA, E.; GLEYSE, J. O doping ao longo do século XX na França: representações do puro, do impuro e do segredo. *Rev. Bras. Cienc. Esporte, Campinas*, v. 27, n. 1, p. 55-74, set. 2005.

DA SILVA, P.R.P. et al. Prevalência do uso de agentes anabólicos em praticantes de musculação de Porto Alegre. *Arq Bras Endocrinol Metab*, v. 51, n. 1, p. 104-10, 2007.

SIMON, R. *Fair play: sports, values, and society*. Boulder Westview Press; 1991.

SOUZA, E.C. A; QUEIROZ, K.F.S; AZEVEDO, P.C.S; ZANLORENZI, T.D; TITSKI, A.C.K. Rebeca Gusmão: vigiada, punida e examinada. 1º ENCONTRO DA ASSOCIASSON LATINOAMERICANA DE ESTUDIOS SOCIOCULTURALES DEL ESPORTE (ALESDE). “*Esporte na América Latina: atualidade e perspectivas*”, Universidade Federal do Paraná/ Curitiba-Paraná/ Brasil, 30, 31/10 e 01/11/2008.

TANNEN, D. *The argument culture*. Stopping America’s war of words. New York: Ballantine, 1998.

WHANNEL, G. *Media Sport Stars. Masculinities and Moralities*. Londres: Routledge, 2002.

WOLF, M. *Teorias da comunicação*. Tradução Maria Jorge Vilar de Figueiredo. 4.ed. Lisboa: Editorial Presença, 1995.

WEBGRAFIA

EXTRA, REUTERS. Combate ao doping está funcionando, diz presidente do COI. Disponível em: < <http://extra.globo.com/esporte/combate-ao-doping-esta-funcionando-diz-presidente-do-coi-5603561.html#ixzz28SvnjkPF>>. Acesso em: 20 de agosto 2012.

EXTRA, REUTERS. Corredor marroquino Laalou é flagrado no doping. Reuters. Disponível em: <http://extra.globo.com/esporte/corredor-marroquino-laalou-flagrado-no-doping-5681293.html>. Acesso em: 20 de agosto 2012

EXTRA, REUTERS. Corredora síria é 11a atleta banida dos Jogos por doping. Disponível em: < <http://extra.globo.com/esporte/corredora-siria-11a-atleta-banida-dos-jogos-por-doping-5763286.html#ixzz28IBSdAtQ>>. Acesso em: 25 de agosto 2012.

EXTRA, REUTERS. Italiano campeão olímpico de marcha é excluído da Olimpíada por doping. Disponível em: <<http://extra.globo.com/esporte/italiano-campeao-olimpico-de-marcha-excluido-da-olimpiada-por-doping-5705640.html#ixzz28l8rzlc1>>. Acesso em: 20 de agosto 2012

EXTRA, REUTERS. Usuários de doping enganam fácil, diz dono de laboratório. Disponível em: < <http://extra.globo.com/esporte/usuarios-de-doping-enganam-facil-diz-dono-de-laboratorio-5740176.html#ixzz28l9J2Oj9>>. Acesso em: 20 de agosto 2012.

EXTRA, REUTERS. Velocista são-cristovense é eliminada por admitir uso de droga. Disponível em: < <http://extra.globo.com/esporte/velocista-sao-cristovense-eliminada-por-admitir-uso-de-droga-5621499.html#ixzz2K7vwP1Rs>>. Acesso em: 20 de agosto 2012.

EXTRA. Londres 2012: chefe da missão, Bernard repudia doping de Kyssia: 'Cada um tem sua responsabilidade'. Disponível em: <<http://extra.globo.com/esporte/londres-2012/londres-2012-chefe-da-missao-bernard-repudia-doping-de-kyssia-cada-um-tem-sua-responsabilidade-5691256.html#ixzz28l4tCFYb>>. Acesso em: 20 de agosto 2012.

EXTRA. Londres 2012: COI confirma exclusão de atleta da Albânia por doping Disponível em: <<http://extra.globo.com/esporte/londres-2012/londres-2012-coi-confirma-exclusao-de-atleta-da-albania-por-doping-5614408.html#ixzz2K7utxG3E>>. Acesso em: 20 de agosto 2012.

EXTRA. Reduzidos a pó: mais de 25 recordes mundiais foram quebrados em Londres. Disponível em: < <http://extra.globo.com/esporte/londres-2012/reduzidos-po-mais-de-25-recordes-mundiais-foram-quebrados-em-londres-5761222.html#ixzz28lBwdr27>>. Acesso em: 15 de novembro 2012.

G1, BBC. Faxineiros da Vila Olímpica recrutados para 'espionar' atletas. Disponível em: < <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2012/07/faxineiros-da-vila-olimpica-recrutados-para-espionar-atletas.html>>. Acesso em: 20 de agosto 2012.

G1, REUTERS. Londres se despede dos Jogos: EUA lideram nas medalhas. Disponível em: < <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2012/08/londres-se-despede-dos-jogos-eua-lideram-nas-medalhas.html>>. Acesso em:: 20 de agosto 2012.

G1, REUTERS. Londres tem terceiro caso de doping em dois dias. Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2012/07/londres-tem-terceiro-caso-de-doping-em-dois-dias.html>>. Acesso em:: 20 de agosto 2012.

GLOBO ESPORTE. Agências de Notícias Londres IAAF confirma nove punições por doping às vésperas das Olimpíadas. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/olimpiadas/noticia/2012/07/iaaf-confirma-nove-punicoes-por-doping-vesperas-das-olimpiadas.html>>. Acesso em:: 20 de agosto 2012.

GLOBO ESPORTE. Ciclista russa é expulsa dos Jogos Olímpicos de Londres por doping. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/olimpiadas/noticia/2012/08/ciclista-russa-e-expulsa-dos-jogos-olimpicos-de-londres-por-doping.html>>. Acesso em:: 20 de agosto 2012.

O GLOBO. Remadora brasileira é pega no antidoping e não compete na final C. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/olimpiadas-2012/remadora-brasileira-pegano-antidoping-nao-competem-na-final-em-londres-5691164#ixzz2K8LkYxgT> . Acesso em:: 20 de agosto 2012.

REVISTA ÉPOCA. Um campeão que ressuscitou uma modalidade. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Sociedade/olimpiada2012/noticia/2012/08/um-campeao-que-ressuscitou-uma-modalidade.html>>. Acesso em:: 20 de agosto 2012.

VEJA. Ricardo Setti. Usain Bolt: Entrevista com a lenda viva do esporte mundial. Disponível em: < <http://veja.abril.com.br/esporte/usain-bolt-revela-desejo-de-se-tornar-uma-lenda-viva-do-esporte/>> . Acesso em:: 10 de novembro 2012.

3 APRESENTAÇÃO EM CONGRESSO:15 O PENSAMENTO HEURÍSTICO DE OCCAM APLICADO AO PROBLEMA FILOSÓFICO DO DOPING NO ESPORTE

RESUMO

O problema filosófico de banimento de drogas e procedimentos para a obtenção artificial de resultados nas competições esportivas foi resumido recentemente por quatro argumentos correntes. Que têm permanecido inconclusivos desde a criação da Agência Mundial Antidoping (AMA), em 1999, são eles: I- trapaça; II - vantagem injusta, III - prejudicial aos usuários; IV - perversão da natureza do esporte ou desumanização (SCHNEIDER, 2014). Para essa autora seminal da temática do doping, cada uma dessas abordagens tem apresentado contradições em termos da filosofia analítica. Por outro lado a complexidade do tema em questão pode ser avaliada por suas abordagens ético-jurídicas as quais segundo Olinder (2005) comportam nove “discursos” distintos, como nos exemplos de “medicalização”, “criminalização”, “punição” etc. Não é surpreendente, portanto que a problemática do doping no esporte tenha se mantido insolúvel mesmo diante do aperfeiçoamento das rotinas de controle desenvolvidos pela AMA nos seus 15 anos de existência. Neste sentido, a presente contribuição objetiva redefinir o problema do doping ampliando suas abordagens filosóficas além da citada argumentação analítica. Esta redefinição alcança a filosofia grega antiga que foi perceptível à convivência de argumentos opostos ao usar a categoria de “aporia” incluindo contradições das práticas atléticas (DACOSTA, 2002). Para Aristóteles (384-322 a.C) o trato com aporias implicava em “dissolver” o problema por sucessivas Sínteses e análises (DACOSTA, 2002). Já no século 17, René Descartes (1596-1650) abordava a convivência dos contrários por sua filosofia “dualista” que se propunha a conhecer melhor as oposições para reorientá-las vis-à-vis amor vs ódio, vida vs morte, vitória vs derrota etc . Entretanto, tais soluções tem sido ao longo da historia da filosofia por vezes entendidas como reducionistas embora tenham sobrevivido pelo viés metodológico. Nesse contexto, a presente proposta focaliza o método de William Occam (1245-1347) – filósofo do século 14 – que consiste na eliminação heurística de contraditórios identificando versões mais simples capazes de reduzir a complexidade da busca de conclusões imediatas (MERINO, 2001). Como tal, esta simplificação metodológica apresenta-se menos reducionista do que as categorias de análise “aporia” e “dualismo”, pois é todavia imprecisa porém mais explicativa. Por essa razão, filósofos modernos como Sir Karl Popper (1902-1994) e Ludwig Wittgenstein (1889-1951) admitiram a validade da chamada “navalha de Occam” em suas criticas radicais ao fazer científico e filosófico. Em relação ao trato das questões de doping impõe-se, portanto um repensar ao estilo de Occam de modo a reduzir ou eliminar a estratificação dos argumentos e discursos típicos de suas inquirições. Em suma, propomos a eleição de apenas um dos quatro argumentos de Schneider (2014), buscando uma única conclusão com vistas à sua operacionalização pragmática. Nesta linha de conta,

¹⁵ Resumo publicado no IAPS-ALFiD Abstract Book. Nov, 2014. Disponível em: <
<http://www.ufrgs.br/iaps2014brazil/IAPS-ALFiD%20Abstract%20Book%202014%208%2023.pdf>.>
Acesso em: 20 de out. 2016.

nossa escolha incide sobre o argumento da perversão do esporte cuja conclusão pertinente evitará a dissolução das práticas esportivas, algo que não ocorre com os demais argumentos.

Palavras-chave: Doping. Aristóteles. Descartes. Occam.

REFERÊNCIAS

SCHNEIDER, A. Doping. In: TORRES, C. (ed.) *The Bloomsbury Companion to the Philosophy of Sport*. London: Bloomsbury, 2014, p. 350-52.

OLINDER, K. *Doping and Anti-doping Issues: An Inventory of the Social legal State of knowledge*. Stckholm: Riksidrotts Forbundet, 2005, p. 13–18.

DACOSTA, L.P. *Olympic Studies*. Current Intellectual Crossroads. Programa de Pós-Graduação em Educação Física. Editora Gama Filho. Rio de Janeiro, 2002, 380 p.

DESCARTES, R. *Discurso do Método*. Tradução Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1996, 102 p. (Clássicos)

MERINO, J. A. *Historia de la filosofia medieval*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos (BAC), 2001.

4 CAPÍTULO DE LIVRO:16 O ATLETA “LIMPO” E A AGENDA OLÍMPICA 2020

Este estudo tem por objetivo situar por abordagens sociológicas e históricas a proposta da Agenda Olímpica 2020 com respeito ao atleta ‘limpo’ (clean athlete) nas circunstâncias de antidopagem. Com este propósito espera-se referenciar a realização de futuras pesquisas no tema do atleta ‘limpo’ partindo de definições mais precisas, todavia não disponibilizadas na citada Agenda, emitida pelo Comitê Olímpico Internacional – COI em fins de 2014. Note-se ainda que a validade da Agenda Olímpica 2020 apoia-se no objetivo de renovar os Jogos Olímpicos e entidades parceiras (stakeholders) nos próximos cinco anos, tendo antes havido uma mobilização pelo COI de sugestões para o futuro junto a patrocinadores, dirigentes de esportes, atletas, mídia, governos e sociedade civil, alcançando um total de 1.200 itens, o que resultou ao final em 40 recomendações síntese (COI, 2014). As recomendações da Agenda Olímpica 2020 explicitamente relacionadas ao atleta ‘limpo’ são as de número 15, 16 e 17, com a primeira propondo modificar a filosofia olímpica de modo a dar a maior prioridade do COI a este atleta simbolizado e a segunda criando fundos de financiamento do COI para educação e conscientização contra a corrupção nas competições esportivas e para pesquisas de abordagem científica sobre a antidopagem. Por seu turno, a recomendação 17 propõe a criação de homenagens e cerimônias para os atletas identificados como ‘limpos’ que receberem medalhas após a desqualificação por doping de um adversário medalhista.

O CONTEXTO DA ANTIDOPAGEM PRÉ-EVENTO RIO 2016

Significativamente, a recomendação 18 não trata do mesmo tema das anteriores, porém põe “a experiência dos atletas no coração dos Jogos Olímpicos” (athletes’ experience at the heart of the Olympic Games), outro simbolismo que explica tanto a prioridade posta no atleta ‘limpo’ como uma posição central atribuída

¹⁶O Atleta Limpo e a Agenda Olímpica 2020. In: Deslandes A, Costa LP & Miragaya A (Eds.). *O Futuro dos Mega-eventos Esportivos*. Rio de Janeiro: Engenho Arte e Cultura, 2015, p. 465-76. Disponível em: < http://correrbem.org.br/wp-content/uploads/2015/06/The-Future-of-Sports-Mega-events-new-book-on-Agenda-2020.-2015_06_15.pdf > Acesso em: 20 de out. 2016.

aos atletas que perpassa toda a Agenda Olímpica 2020. Este procedimento de proteção e valorização de atletas, entretanto, poderá somente ser implementado em sua plenitude em condições pós-evento dos Jogos Olímpicos 2016 no Rio de Janeiro em face às limitações institucionais locais. Ou seja: a Autoridade Brasileira de Controle de Dopagem (ABCD) ainda está em fase de organização nos dias presentes. Da mesma forma, o Laboratório Brasileiro de Controle de Dopagem (LBCD), vinculado à Universidade Federal do Rio de Janeiro, encontra-se hoje em final de construção e em início de recredenciamento (GOVERNO FEDERAL, 2014). Por outro lado, desde 2013 tem ocorrido um retrocesso em relação aos exames laboratoriais antidopagem realizados no Brasil em razão do descredenciamento do laboratório antecessor do atual LBCD pela World Antidoping Agency (WADA) à vista de discordância dos resultados de provas analisadas no Brasil em comparação a contraprovas realizadas no exterior. Há hoje, portanto, um aumento de custos do controle de doping no Brasil pela necessidade de envio das amostras para laboratórios no exterior credenciados pela WADA. Isto ocasionou uma diminuição dos controles de doping no país, uma limitação que ganha maior significado quando se leva em conta a prevalência do uso de doping por jovens atletas brasileiros segundo investigação de Silva et al. (2007). Esta pesquisa foi feita por questionários, em uma amostra de 750 participantes de 12 a 17 anos de idade do maior evento de esporte estudantil do país. O estudo detectou utilização de doping em 2,6% dos casos por hormônio do crescimento humano e insulina; em 1,5% por uso de drogas ilícitas como a maconha e em 0,5% pela utilização de esteroides anabolizantes. Este estudo destacou ainda o consumo abusivo de álcool, de tabaco e suplementação pelos jovens atletas. Certamente esses dados revelam apenas riscos do uso de doping, pois não há confirmação de validade para atletas brasileiros do nível dos Jogos Olímpicos, mas coincidem com o fato de que do ponto de vista internacional ao longo dos anos aumentaram os investimentos no controle de doping, porém o número de atletas positivos ainda permanece no mesmo patamar, como demonstrou Kayser & Broers (2012). Torna-se significativo, portanto, que há um risco latente de eficácia reduzida no âmbito da dimensão científica laboratorial do controle da dopagem que aparentemente deverá estar presente nos Jogos Olímpicos de 2016 no Rio de Janeiro. Assim pressupõe-se que este controle poderá se restringir ao essencial no cumprimento dos critérios tradicionais da WADA, deixando pouco espaço ou nenhum para inovações, como aquelas da Agenda Olímpica 2020 antes

aqui mencionadas. À parte da organização dos Jogos 2016, importa relevar que outro risco a se cogitar refere-se aos resultados analíticos ad versus dos laboratórios representados pela utilização de substâncias e de métodos indetectáveis descobertos recentemente envolvendo a tetrahydrogestrinona, a câmara hiperbárica, a inalação de Xenon, o Muscular Growth fator-1 e outros meios bioquímicos e tecnológicos. Tais limitações confirmam o senso comum no dizer que o doping está sempre um passo à frente do controle de doping.

ANTIDOPAGEM DURANTE E PÓS-EVENTO RIO 2016 COM FOCO NO ATLETA 'LIMPO'

Assim disposto, o objetivo de se realizarem pesquisas nos termos da recomendação 16 da Agenda Olímpica 2020 tende naturalmente a se concentrar na “mudança da filosofia para proteger os atletas limpos” (change the philosophy to protect clean athletes), sendo esta proteção o “objetivo síntese” (ultimate goal) do COI (recomendação 15). Em face a essas orientações já estabelecidas, admite-se então que a pertinência de pesquisas quer durante ou pós-evento Rio 2016 com foco no atleta ‘limpo’ e no contexto da antidopagem, seja incidente na definição e na delimitação do próprio tema. Esta linha proposta de investigações ganha maior validade ao se constatar que os documentos oficiais principais do Movimento Olímpico não explicitam a figura do atleta ‘limpo’ abordando, entretanto, situações implícitas que podem se referir a este personagem. Examinando-se, então, a Carta Olímpica (“Olympic Charter” – IOC, 2014) e o Código Mundial de Antidopagem (“World Anti-Doping Code” - WADA, 2015), encontra-se no primeiro documento uma menção à saúde do/da atleta que poderia constituir uma paráfrase da situação ‘limpo’ em relação ao doping. A ‘Carta Olímpica’ diz na sua introdução que se deve ‘encorajar e dar apoio a medidas relacionadas aos cuidados médicos e a saúde dos atletas’ (to encourage and support measures relating to the medical care and health of athletes). Também na segunda fonte, no artigo 18 (Education) do novo código antidopagem, define-se como princípio básico para ser seguido por todos os atletas: o esporte livre do doping (doping-free sport). Em resumo, os princípios atualizados recentemente pelo COI e pela WADA estabelecem um perfil desejável dos atletas como sadios e livres de dopagem. E em complementação a estes dispositivos

entende-se que os atletas na condição 'limpo' aparentemente tornam-se modelos de comportamento antidopagem a julgar pelas solicitações de homenagens explicitadas na recomendação 17 da Agenda Olímpica 2020. Esta, por seu turno, gerou perspectivas para os próximos cinco anos, tornando o atleta 'limpo' uma proposta futura, abrindo então espaço para questionamentos de pesquisas.

O ATLETA 'LIMPO' COMO TIPO IDEAL DAS TEORIAS DE MAX WEBER

Os argumentos aqui antes expostos podem ser reforçados pela interpretação do atleta 'limpo' por meio da teoria de Max Weber sobre o 'tipo ideal'. Esta metodologia usada em pesquisas sociológicas é descrita por Bodart (2015) como uma construção mental da realidade da qual se esboça um modelo, um "tipo", com caracterizações e descrições aproximadas que permitem ao pesquisador interpretar realidades similares por contrastes e comparações. No âmbito dos esportes, o 'tipo ideal' corrente é um construto que opera com situações hipotéticas e imperfeitas com relação à realidade, mas extraindo caracterizações comuns a ela e seu modelo idealizado, permitindo revisar nuances contextuais ao longo de levantamentos históricos (TUTKA & SEIFRIED, 2015). Neste particular importa citar também o tipo ideal da Máfia Italiana, que foi utilizado por Lamartine DaCosta (1999) em estudos de caracterização de modos de gestão em face à burocracia. Entretanto, o exemplo mais caro aos intelectuais brasileiros concerne ao tipo ideal produzido por Sergio Buarque de Holanda (2012) em 1936 sob a denominação de "homem cordial", a partir do qual, este emérito historiador e sociólogo interpretou diversas circunstâncias históricas do Brasil sob o ponto de vista comportamental de sua população e de seus líderes. Em que pese o prestígio deste intelectual brasileiro, a definição de 'homem cordial' até hoje é discutida em sua adequação, refletindo assim as limitações da concepção weberiana adotada. *Mutatis mutandis* é o que deverá ocorrer com o atleta 'limpo' por prever um comportamento ideal e não estabelecido por normas.

CONCLUSÃO: REDEFINIÇÕES HISTÓRICAS DO TIPO IDEAL DO ATLETA ‘LIMPO’

Dentro da premissa heurística e histórica da proposta de Tutka & Seifried (2015) para o uso do tipo ideal em pesquisas em esporte, é pertinente concluir que hoje os atletas ‘limpos’ definem-se por normas que os consideram sadios e livres de dopagem, porém eles ou elas tendem a ser entendidos no futuro também por comportamentos idealizados. Tal redefinição tem ocorrido ao longo da história reforçando, portanto, a pertinência das recomendações antidopagem da Agenda Olímpica 2020. Com foco neste processo de redefinições, o autor deste capítulo produziu uma revisão histórica dos tipos ideais de atletas sob o ponto de vista de comportamentos socialmente aceitáveis para um debate sobre a Agenda Olímpica 2020 (SILVA, 2015). O resumo desta apresentação segue adiante abrangendo apenas estágios marcantes encontrados por consultas na linha do tempo dos Jogos Olímpicos evidenciada em várias fontes. De fato, o comportamento dos atletas aceito socialmente na Antiga Grécia era do exemplo moral e do vigor físico. Já na Inglaterra de meados do século XIX, o atleta pertencia a um imaginário social – em especial dos estudantes e da aristocracia – em que se praticava o esporte conforme regras baseadas no fair play e no companheirismo; e neste mesmo país e período histórico surgiu a crença religiosa do “Muscular Christianity” (cristianismo muscular) que atribuía ao comportamento atlético a adesão aos valores cristãos.

Ao final do século XIX, entretanto, os valores cultivados nos atletas passaram a ser universais e mais relacionados a virtudes modernas tais como autocontrole, robustez e resistência. Neste estágio, influenciado pela educação inglesa e inspirado pelas virtudes do comportamento atlético dos antigos gregos, o Barão Pierre de Coubertain desenvolveu a filosofia do Olimpismo, prescrevendo para a atividade atlética o cultivo de valores como o fair play e a excelência. Acrescente-se que veio de Coubertin a noção do *religio athletae*, que considera o atleta não uma entidade religiosa, mas um valor em si mesmo. Hoje há indicações de que predomina na opinião pública de diversos países uma percepção do atleta como ‘portador de valores (carrier of values), perfil imagético advindo da prática do esporte que incorpora valores inerentes ao esporte, como a competição, o desempenho e a excelência. E se esses valores se modificam também se altera a percepção do comportamento adequado dos atletas. Em síntese, o atleta idealizado socialmente

pode se tornar um tipo ideal para a produção de pesquisas, criando assim uma base para investigações de acompanhamento da propagação da desejada figura do atleta 'limpo', segundo as pretensões da Agenda Olímpica 2020.

REFERÊNCIAS

- BODART C. *O Tipo Ideal em Max Weber*. 2015. Disponível em <http://www.cafecomsociologia.com/2010/11/tipo-ideal-de-max-weber.html>
- BUARQUE DE HOLANDA, S. *O Homem Cordial*. São Paulo: Penguin – Cia. das Letras, 2012.
- COI. OLYMPIC AGENDA 2020. 2014. Disponível em http://www.olympic.org/Documents/Olympic_Agenda_2020/Recommendations_ENG.pdf.
- COI. OLYMPIC CHARTER. 2014. Disponível em http://www.olympic.org/Documents/olympic_charter_en.pdf.
- DaCOSTA, L.P. Max Weber e a Máfia Napolitana: uma Dramatização do Positivismo? *Logos - Comunicação e Universidade*, v. 6, n. 2, p. 23–29, 1999.
- GOVERNO FEDERAL. 2014. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/esporte/2014/04/laboratorio-de-controle-de-dopagem-realiza-primeiros-exames-em-agosto>. Acesso em:: 14 de jan de 2015
- KAYSER, B. & BROERS, B. *The Olympics and harm reduction?* Harm Reduction J. 2012. Disponível em: <<http://www.harmreductionjournal.com/content/9/1/33>. Acesso em:: 12 de jan. 2015.
- SILVA, P.R.P. et al. Prevalência do uso referido de doping e outras substâncias por crianças e adolescentes participantes das Olimpíadas Escolares Nacionais. In: *Congresso Médico dos XV Jogos Pan – Americanos Rio 2007*. Rio de Janeiro: Redprint, 2007.
- SILVA, P.R.P. et al. Oportunidades da Agenda Olímpica 2020 - Ênfase no atleta 'limpo'. In: *Palestra Apresentada no 1º. Seminário Sou do Esporte*. Rio de Janeiro, 12 março 2015.
- TUTKA, P. & SEIFRIED, C. The Historical Ideal. Type as a Heuristic Device for Academic Storytelling by Sport Scholars. *Quest*, v. 67, n.1, p. 17-29, 2015.
- WORLD ANTI-DOPING AGENCY. Disponível em <https://www.wada-ama.org/> Acesso em:: 01 de jan 2015.
- WORLD ANTI-DOPING CODE. 2015. Disponível em [https:// www.wada-ama.org/en/resources/the-code/world-anti-doping-code](https://www.wada-ama.org/en/resources/the-code/world-anti-doping-code). Acesso em:: 01 de jan 2015.

CONSIDERAÇÕES GERAIS E TESE

A partir dos achados das pesquisas que envolve jovens atletas dos Jogos Escolares da Juventude foi possível se ter uma noção da dimensão epidemiológica que o doping ocupa dentro daquele evento. Este acontecimento cresceu muito nos últimos 10 anos, porém não existiram nele avanços nas pesquisas, intervenção e o debate em relação temática do doping e dos valores do esporte.

Por outro lado, a dimensão da mídia ocupa o principal meio de acesso da população desses jovens esportistas. Contudo pretensamente é importante que os conteúdos divulgados nestes meios tratem menos da temática sensacionalista (repressão, do controle e das desconfianças) e mais do enfoque na saúde coletiva, nas questões relacionadas à saúde e longevidade dos atletas nos seus esportes.

É importante outrossim ressaltar, que a análise da dimensão filosófica demonstrou que o esporte na atualidade é regido por valores perversos e, enumeramos o doping como “apenas” um dos problemas que direcionam o sentido da realização do esporte em si para o lado da perversão. Antes a prática do esporte implicava na participação, o fair play e agora visa predominantemente a vitória, a posição no ranking e a premiação aumentando os riscos de fraude.

Em linhas gerais, esses resultados em conjunto constituem demonstrações da tese que informa as pesquisas antes aqui comentadas. Ou seja: a tese decorre da necessidade do envolvimento da ética e dos valores do esporte e no esporte. Isto significa resgatar aquele jovem que utiliza o doping para “vencer” a todo custo, influenciar a mídia a produzir conteúdo jornalístico imparcial, ou ainda, provocar mudanças naqueles dirigentes que visam exclusivamente o quadro de medalhas estimulando assim o surgimento de esquemas de fraudes e de doping.

Não menos importante mostra-se a Agenda Olímpica 2020 para resignificar o papel do atleta na sociedade. Isto constitui trabalhar para reposicionar grande parte dos interesses das organizações esportiva, AMA, Governos e iniciativa privada para mudanças de rumos do esporte. Em resumo, a Agenda Olímpica 2020 pode ser considerada um meio de legitimação da tese ora em destaque.